

O Conto e o Imaginário Infantil

***- Um Processo de Desenvolvimento da
Compreensão Leitora -***

IVONE LEONOR MACHADO NEVES DA GAMA FIGUEIREDO

Orientadora: Prof^a. Doutora Maria da Graça Sardinha

**Dissertação de mestrado no âmbito de 2º Ciclo de Estudos
Conducente ao Grau de Mestre em Letras – Estudos Artísticos,
Culturais, Linguísticos e Literários -.**

Covilhã, Junho de 2008

“Não importa o tamanho dos obstáculos, mas o tamanho da motivação que temos para os superar.” (Augusto Cury, in “Pais Brilhantes”, 2005:37)

“A leitura das obras literárias obriga-nos a um exercício de fidelidade e do respeito na liberdade da interpretação... As obras literárias convidam-nos à liberdade de interpretação porque nos propõem um discurso a partir dos inúmeros planos de leitura e nos colocam perante as ambiguidades da linguagem e da vida... temos de ser movidos por um profundo respeito em relação à que denominei algures por intenção do texto.” (Umberto Eco, in “Sobre Literatura”, 2003:12,13)

“Vejo no **conto uma motivação** para amar as palavras e para amar a leitura. Vejo no conto uma motivação para superar os obstáculos da **compreensão leitora** e uma forma de voar com as asas da **imaginação.**” (Ivone Gama)

ÍNDICE

Agradecimentos

Resumo

Resumé

Introdução7

Organização do Estudo9

CAPÍTULO I

Pretensão10

CAPÍTULO II – REVISÃO DA LITERATURA

1. A Narrativa14

 1.1. O Conto16

 1.1.1. As suas origens17

 1.1.2. As suas características19

2. O Fantástico e o Maravilhoso23

3. O Imaginário31

4. A Imaginação34

5. O Lúdico38

6. Os Contos de Fadas40

7. Literatura Infantil ou apenas Literatura?44

8. A Compreensão Leitora48

9. O Professor Mediador de Literatura Infantil51

CAPÍTULO III

1. Escrever / Projectar um Conto54

2. “Criar Laços”56

3. Estratégias / Actividades60

4. A Leitura e a sua Aprendizagem em “Criar Laços”71

5. Planificação74

Conclusão79

Bibliografia83

Anexos

AGRADECIMENTOS

Estes agradecimentos não foram escritos à mão,
Foram escritos com a sinceridade de coração.

À minha amiga e Orientadora,
Prof. Dr.^a Maria da Graça D'Almeida Sardinha,
Que dos espinhos fez flores
E das flores fez-se rainha!

Aos meus pais queridos,
Que uma vez mais
Me estenderam os braços,
Quentes e infinitos,
Doces e garridos!

Ao meu marido transformado
Em dona de casa afamada.
Compreensivo e generoso,
Um verdadeiro esposo!

Aos meus adorados filhotes,
Que me “perderam”,
No meio de folhas e livros,
No meio de fadas e dotes!

Ao meu irmão e sua esposa,
Que muito queridos me são,
E sempre me incentivaram
A tomar esta decisão!

Aos meus colegas especiais:
Carlos, Carmo, Cristina, Paula e Rosa,
Pois cada um, à sua maneira,
Foi gente super porreira!

RESUMO

O presente trabalho pretende retratar um conto, como um todo, desde a sua concepção, ao seu desenvolvimento, nascimento e crescimento.

Para que ocorresse um nascimento saudável, achámos por bem fundamentá-lo, com uma análise teórica, que engloba temas que julgámos de vital importância: o estudo da Narrativa, do Fantástico, do Maravilhoso, do Imaginário, da Imaginação, do Lúdico, das Fadas e do Imaginário Infantil.

Assim foi-se desenvolvendo, pretendendo **abarcas todas as áreas curriculares do 1º ciclo**, de forma a poder ser explorado, não só de forma pedagógica, como **lúdica e impulsionadora da imaginação**.

O conto “Criar Laços” pretende dar “**respostas leitoras**” a alunos dos terceiros e quartos anos de escolaridade. Foi um nascimento moroso, pois quem escreve adequa, risca, rabisca, altera e acrescenta ideias, estando em constante meditação imaginária e científica.

Quanto ao crescimento de “Criar Laços”, elaborámos algumas formas de análise que são apenas propostas e, por conseguinte, podem ser aplicadas na exploração desta ou de outra narrativa porque, em nosso entender, ao longo do processo ensino/aprendizagem, mergulhar num conto pode tornar-se numa aventura maravilhosa.

Palavras-chave:

Ensino/aprendizagem, conto, compreensão leitora, multidisciplinaridade, imaginação, lúdico.

RESUMÉ

Ce travail essaie de nous montrer tous les démarches d'un conte dès le debut jusqu'à la fin.

Pour qu'il s'agit d'une bonne naissance on croit qu'il doit avoir une analyse théorique melangée par des thèmes comme: l'étude du texte narrative, le fantastique, le merveilleux, l'imaginaire, l'imagination, le ludique, les fées et l'univers infantil.

En effect, on le développe ayant par compte tous les champs disciplinaires du 1^{er} cycle, pour qu'il puisse être exploité de façon pedagogique, ludique et au niveau de l'imagination.

Le conte "Criar Laços" veut déclancher des reponses *lectrices* aux étudiants du troisième et du quatrième année de scolarité. Il a été une naissance lente, puisque qui écrit efface, écrit de nouveau, change, ajoute des idées...en passant toujours par une réflexion soit imaginaire, soit scientifique.

En ce qui concerne le *grandissement* de "Criar Laços", on a élaboré des stratégies qui ne passent d'un project appliqué ici, mais lequel peut être mené ou pas dans une autre situation.

Plonger dans un conte est toujours une merveilleuse aventure.

Mots-clés: apprentissage, lecture, imagination, ludique, imaginaire.

INTRODUÇÃO

O trabalho que apresentamos tem como ponto de partida a narrativa “Criar Laços”.

Este conto, da minha autoria, nasceu do chamado improvisado, a que várias vezes o professor recorre. Mesmo planificando o nosso quotidiano escolar, quantas vezes a planificação é deixada um pouco ao acaso e... as aulas acontecem!

Sem, de forma alguma, quereremos colocar de lado um trabalho devidamente planificado, o primeiro ciclo apresenta um cenário algo diferente dos outros ciclos, onde estas ocorrências, por vezes, são possíveis e mesmo necessárias.

Como nem sempre encontramos textos, nos manuais escolares, que gratifiquem as nossas exigências, relativamente ao processo ensino/aprendizagem, dada a diversidade dos nossos alunos, fruto de inúmeras situações, resolvemos apostar num conto que, num primeiro momento, nasceu das expectativas deles próprios.

Frequentemente, ao longo da minha vida de professora, fui contando contos aos meus alunos, muitas vezes inventados nos vários contextos do nosso quotidiano.

Lembro-me das suas vozes cristalinas e ansiosas que, com insistência, me pediam:

- Ó Senhora Professora, conte-nos um conto!

E assim faço: conto muitos contos, uns reais, outros não, uns feitos de sonhos, outros feitos lições de vida...

Deste modo, fui sentindo a necessidade de passar para o papel as palavras que entusiasmavam os meus alunos, fazendo deles crianças com vontade de ir à escola.

Partindo desta necessidade e associando-a ao facto de que, actualmente, os professores do Ensino Básico sentem a necessidade vivificante de fomentar nos alunos o gosto pela leitura, hábito quase em “risco de extinção”, peguei numa caneta, num caderno e comecei a rabiscar...

Também o hábito de contar histórias aos meus filhos influenciou esta minha faceta de “escrevente”. Os livros infantis, ou são caros ou possuem temas que já se esgotaram, nesta constante partilha com os meus filhos e, assim sendo, sinto necessidade de acrescentar, aos livros que já possuímos, histórias inventadas e criar outros laços literários, numa biblioteca onde predomina a imaginação, a cultura e o lúdico.

Ao explorar uma narrativa, o aluno encontra um baú com um tesouro valioso, de saberes. Cabe ao professor a tarefa de encontrar a chave desse mesmo baú.

ORGANIZAÇÃO DO ESTUDO

Este trabalho terá como ponto de partida uma breve resenha sobre a Narrativa, que se tornará mais morosa aquando do estudo do **Conto**.

De seguida, será abordado o **Fantástico**, o **Maravilhoso**, o **Imaginário**, a **Imaginação**, o **Lúdico** e aos **Contos de Fadas**, em contexto narrativo.

Posteriormente, faremos uma análise relativamente à **Literatura Infantil**, à **Compreensão Leitora** e ao papel do **Professor** como **Mediador**.

Passaremos de seguida à **Metodologia de Investigação**, que se irá iniciar com “**Escrever/Projectar um Conto**”., associado à multidisciplinaridade do 1º ciclo, como unidade única e salutar.

Seguidamente, faremos uma **síntese do conto “Criar Laços”**, com suas mensagens implícitas e explícitas.

Faremos depois **propostas de estratégias/actividades**: de leituras, de fichas e de perguntas, que poderão ser aplicadas tanto neste conto, propriamente dito, como na narrativa, em geral. Será elaborada uma **planificação**, a médio prazo, do 1º capítulo de “Criar Laços”.

Posteriormente, a **Leitura e a sua Aprendizagem** será reflectida para o conto em foco.

Para que esta nossa dissertação, em termos práticos, não se restrinja apenas ao nosso conto, deixaremos uma proposta de planificação referente à narrativa, em geral.

Escrever um conto pressupõe pensar, esboçar, redigir; acondicionar, retirar, completar e adaptar ideias; estudar e pesquisar. Assim sendo **a nossa intenção final permanecerá em aberto**, esperando que este conto possa ser testado em várias turmas...

CAPÍTULO I

1. PRETENSÃO

Não chega assinalar os erros, identificar a doença do processo ensino - aprendizagem. Depois do diagnóstico de qualquer doença temos de partir para o seu tratamento.

Repetir que, actualmente, as crianças estão a perder o gosto pela leitura, nada resolve. Tomar medidas para que se ultrapasse este problema é o que nos interessa.

Porém, como diz Pennac, mandar ler não basta; um bom professor deve saber ler com arte:

“Aquele professor não metia à força o saber, oferecia o que sabia. Era menos professor do que trovador – um daqueles prestidigitadores de palavras que frequentam as hospedarias dos Caminhos de Santiago e que cantavam canções de gesta aos peregrinos analfabetos [...] a sua voz, como a dos trovadores, dirigia-se a um público que não sabia ler. Abria olhos. Acendia lanternas. Dirigia as suas gentes pela rota dos livros [...] Ele dá verdadeiramente a ler.”

Pennac, in “ Como um Romance”, 1992:88

É fundamental que o professor, seja ele próprio, um bom leitor que acredite no valor formativo da leitura como cerne de todas as aprendizagens. E que saiba transmitir esse gosto, de forma idílica e poética, como uma dádiva, para que a leitura se torne num verdadeiro prazer.

Melhorar a compreensão leitora dos alunos através da(s) narrativa(s), poderá ser uma forma de superar os problemas de leitura, inerentes às crianças de 1º Ciclo.

O contributo para a superação do problema acima referido pressupõe os seguintes **objectivos** a atingir:

- Formar actores activos e produtivos;
- Aperfeiçoar a leitura/escrita;
- Desenvolver o gosto pela leitura/escrita;
- Aperfeiçoar o funcionamento da Língua Materna;

- Desenvolver o poder imaginativo;
- Desenvolver a expressão oral e a expressão escrita;
- Desenvolver estratégias de compreensão;
- Promover a leitura, assumindo-a como factor de desenvolvimento individual e social;
- Criar um ambiente favorável à leitura;
- Valorizar práticas pedagógicas que estimulem o prazer de ler entre as crianças;
- Criar instrumentos que permitam definir metas cada vez mais precisas para a motivação e desenvolvimento da compreensão em leitura;
- Enriquecer as competências dos actores sociais, desenvolvendo a acção de professores e de mediadores da leitura, formais e informais;
- Estabelecer pontes entre a Língua Portuguesa e outras áreas do 1º Ciclo do Ensino Básico.

Aprender a ler é sinónimo de decodificar, compreender, interpretar, desenvolver o sentido crítico e a reflexão. Gates (1949) referia a leitura como algo que põe em acção várias capacidades de pensar. Tal “exercício” pode e deve desenvolver todos os tipos do pensar: avaliar, julgar, imaginar, raciocinar e resolver problemas (Sardinha, 2005).

É através da leitura que se aprofunda o conhecimento da língua portuguesa e que se desenvolve a competência linguística, quer a nível receptivo, quer a nível produtivo.

Pela leitura e compreensão, o aluno desenvolve todo um processo cognitivo: a construção do sentido do texto vai desencadear um conjunto de actividades intelectuais. Os estudos existentes têm evidenciado uma relação entre bom leitor e o emprego de estratégias metacognitivas (Armbruster, Brown, Echols, 1984; Baker e Brown, 1884).

A leitura e consequente interpretação do texto escrito desencadeiam processos mentais, tanto a níveis básicos como a níveis mais complexos,

estabelecendo uma situação de confronto de experiências, de linguagens, de visões do mundo, as que o texto representa e as do próprio leitor (Sardinha, 2008).

A leitura permite também aceder a informações quotidianas, torna possível a interiorização de conhecimentos relativos a diversas disciplinas, desenvolve a imaginação, ocupa o tempo livre e permite a acumulação de cultura variada. Arriscamo-nos a referir a leitura como um fenómeno cognitivo, social, cultural, ocupacional e de partilha de saberes, que mais adiante iremos desenvolver.

Ler é conhecer
E com sonhos adormecer.
Ler é viajar
Sem correr, sem andar.
Ler é escrever
A alma e o saber.
Ler é no tempo recuar
Ou nele avançar.
Ler é crescer,
Sem parar de nascer.
Ler é necessário
Para se ser sábio.
Ler é aprender a pensar
E sem asas voar, voar...
(Ivone Gama)

As crianças de hoje não estão a ganhar hábitos de leitura, preferindo a televisão, o computador, a navegação na internet...

Estamos perante crianças mediatizadas, crianças que preferem ver um filme a ler um livro, crianças que preferem “cliquear” a folhear. Outro problema que a perda deste hábito está a desencadear é a dificuldade com que os nossos alunos se deparam ao estudar. Eles não sabem estudar, porque não sabem ler: reter informações, analisar, interpretar e pensar (Castanho, cit. Sardinha 2008).

A constatação da perda do hábito de ler também está a bloquear a imaginação, porque ler pressupõe ver para lá das letras, das palavras e das frases (Manguel, 1998).

Quem não lê com frequência também não escreve com correcção, pois a leitura é um hábito que treina o funcionamento da língua.

Mediante o exposto, achamos a leitura essencial e propomo-nos motivar os alunos do primeiro ciclo, mais especificamente as turmas de terceiros e quartos anos de escolaridade, para a leitura.

Decidimos debruçar-nos sobre um conto (inérito) por ser uma narrativa pouco extensa, com reduzido número de personagens, concentração do espaço e do tempo, acção simples e linear. Pretendemos delinear estratégias relativas a esse conto "Criar Laços" (anexo I), de forma a serem aplicadas nas turmas supracitadas. Tais estratégias poderão adequar-se a outros contos, sendo este apenas um exemplo.

A escolha do Conto como **objecto de estudo** e de aplicação, prende-se com as seguintes crenças que mais adiante iremos fundamentar:

- I. Através da leitura do Conto é possível levar alunos do 1º Ciclo do Ensino Básico a adquirirem e a colocarem em prática conhecimentos sobre a estrutura narrativa.
- II. A audição de contos desenvolve o vocabulário.
- III. A leitura do Conto favorece a metacognição.
- IV. A leitura do Conto desencadeia o gosto pela própria leitura e, conseqüente, aperfeiçoamento ortográfico, vocabular e funcional.
- V. A leitura do Conto favorece a imaginação.
- VI. O Conto Fantástico e Maravilhoso são uma mais-valia para o desenvolvimento psicológico e social da criança, ajudando-a a crescer de forma harmoniosa.

Através deste trabalho de dissertação, é **nossa pretensão** reflectir sobre os conceitos de leitura e seu ensino/aprendizagem, de modo a poder fomentar hábitos de leitura que estão, como dizíamos no início, quase em risco de extinção”.

Pretendemos desencadear nos alunos o gosto capacidades leitoras, através do conto, de modo a que estes façam da leitura um projecto de vida e para a vida. Não chega “ Educar não é repetir palavras, é criar ideias, é encantar”, (op.cit. Augusto Cury, 2005:34)

CAPÍTULO II - REVISÃO DA LITERATURA

1. A NARRATIVA

A narrativa é “ o enunciado narrativo, o discurso oral ou escrito que assume a relação de um acontecimento ou de uma série de acontecimentos”. (Gérard Genette, in “Discours du Récit”)

A narrativa é “Tout récit est constitué d’une fiction, c’est-à-dire d’une histoire comprenant un ensemble d’événements et de personnages situés dans un espace-temps, qu’il soit referential ou non.” (Pierre Glaudes et Yves Reuter, in “Le personnage, Que sais-je?”, (1998 :41))

“A narrativa é viajar em classe prosa, sem destino, mas com a certeza de chegar a lugares mil.” (Ivone Gama)

A **Narrativa** é um género literário que engloba as obras que relatam ou narram acontecimentos reais ou fictícios, estruturando-se segundo coordenadas espaço temporais. Roland Barthes refere que a:

“[...] narrativa, como forma extensível ao Romance e à História, continua a ser, geralmente, a escolha ou a expressão de um momento histórico”. (Roland Barthes, in “O Grau Zero da Escrita seguido de Elementos de Semiologia”, 1981:31).

A forma expressiva utilizada na narrativa é, segundo os autores da obra “ Grande Temática Planeta” (2003), fundamentalmente a narração.

Os seus subgéneros são a Narrativa Épica, a Fábula, o Conto, o Romance e a Novela.

O escritor representa um universo imaginário que as suas personagens vão apresentando ao leitor, através de um enredo ou desenrolar de acontecimentos.

Apesar deste género literário ser sobretudo escrito em prosa, existem subgéneros em verso, marco do início desta modalidade literária.

Foi já no séc. XX que Propp, formalista russo, que mais adiante retomaremos na perspectiva do modelo de análise proposto para o conto, que este

autor definiu um conjunto de tipos para as personagens, assim como para as funções e acções que serviram de modelo para a análise das narrativas.

Também Greimas em *Sémantique Structurale*, embora divergindo um pouco do anterior autor, apresentou um modelo de análise das narrativas ao apresentar vinte funções.

Na década de setenta, o conceito de comunicação veio juntar-se a esta descrição de factos estruturais e os estudos de narratologia trouxeram novos dados acerca da narrativa.

Os estudos estruturalistas conferiram extrema importância ao texto, enquanto entidade formal e funcional “esquecendo” a sua perspectiva comunicacional.

Carlos Reis e Ana C. Lopes definem a narrativa como um “sinónimo” de enunciado ou mesmo o “equivalente ao conjunto dos conteúdos representados em determinado enunciado”. Estes autores destacam ainda todo um conjunto de sinónimos para a narrativa se bem que com um conjunto de elementos a ter em conta quando se procede ao seu estudo:

1. Pode ser concretizada em suportes expressivos diversos (tanto verbal, como icónico, como verbo-icónico);
2. Pode efectivar-se no universo literário, assim como fora dele (na imprensa, na historiografia, nos relatórios, na vida...);

Em Adam (1997: 18) o estudo da narrativa é-nos apresentado como uma representação de acções e de acontecimentos que transpõe mais do que imita acção humana no e pelo próprio texto.

A mudança, ou seja o conceito de transformação, é advindo do estabelecimento de relações de causalidade entre as acções.

1.1. O CONTO

Conta-me contos, ama...
Todos os contos são
Esse dia, e jardim e dama
Que eu fui nessa solidão...
Fernando Pessoa

Minha velha tia costumava adormecer me cantando-me
(Se bem que eu fosse já crescido de mais para isso)...
Lembro-me e as lágrimas caem sobre o meu coração e lavam-me da vida.
E ergue-se uma leve brisa marítima dentro de mim.
Às vezes ela cantava a “ Nau Catrineta”:

Lá vai a Nau Catrineta
Por sobre as águas do mar...

[...]

Eu abria um pouco os olhos e via a janela cheia de luar
E depois fechava os olhos outra vez, e em tudo era feliz.

“O Conto é uma forma de sonhar, ser feliz, enriquecer a nau dos conhecimentos e voltar a ser criança...” (Ivone Gama)

1.1.1 SUAS ORIGENS

O Conto é um senhor tão velhinho que nasceu antes da existência da própria escrita. O Conto teve como mãe a oralidade e como pai os bons momentos familiares. (Ivone Gama)

Efectivamente, este subgénero narrativo “teve como **primeira fase a oralidade**” (cit. Wikipedia 28/11/07), não sendo possível precisar o seu início.

Geralmente à noite, ao redor das lareiras, contavam-se histórias: umas fantásticas, outras medonhas, outras cómicas e outras, já com barbas longas e brancas, herança de avós e bisavós, mas sempre com alguma diferença. Quem contava um conto acrescentava sempre um ponto, que mais não era do que um cunho pessoal, uma espécie de assinatura.

É importante referir e distinguir o conto tradicional do conto literário. O primeiro é de transmissão oral, de clara intenção moralizadora (apólogo) e o segundo é de transmissão escrita. O conto é de origem popular ou folclórica, tendo recebido, durante a Idade Média, influência oriental.

A escrita entra a partir da segunda fase. Nesta fase podemos inserir, como consta na Wikipedia, O Livro Mágico dos egípcios (cerca de 4000 a.C.); a Bíblia, em que, por exemplo, a história de Abel e Caim (2000 a.C.) tem a precisa estrutura de um conto. O antigo e o novo testamento trazem muitas outras histórias onde está patente a estrutura do conto: episódios de José e seus irmãos, de Sansão, de Salomé... Também não podemos deixar de referir as parábolas: O Bom Samaritano; O Filho Pródigo; O Semeador; entre outras. No Século VI a.C. deparamo-nos com a Iliada e a Odisseia, de Homero. Luciano de Samosata (125-192) é considerado o primeiro nome da história do conto. O Cínico e O Asno, são algumas obras de sua autoria. Da mesma época podemos citar Apuleyo Lucio (125-180), autor de O Asno de Ouro e Caio Petronioda (século I), autor de Satiricon e As Mil e Uma Noites (século X da era cristã/ Pérsia).

A terceira fase começa com as primeiras preocupações estéticas, por volta do século XIV. Giovanni Boccaccio (1313-1375) lançou os alicerces do conto tal como hoje o conhecemos, com o seu Decameron. Este escritor influenciou Shakespeare,

Molière, Charles Perrault(O Soldadinho de Chumbo; O Barba Azul; Cinderela), La Fontaine... Voltaire, no século XVIII, foi um verdadeiro mestre, com obras como Zadig e Cândido.

Passando ao século XIX, **quarta fase**, o conto abraça a imprensa escrita, revitaliza e moderniza. O primeiro contista norte-americano de importância é Washington Irving (1783/1859). Os irmãos Grimm (Jacob, 1785-1863) e Wilhelm, (1786-1859) foram de extrema importância para o género narrativo em estudo. André Jolles (1976) refere, acerca destes dois ilusionistas das palavras que “ o conto só adoptou verdadeiramente o sentido de forma literária determinada, no momento em que os irmãos Grimm deram a uma colectânea de narrativas o título de Conto para Crianças e Famílias”, (“O Conto” in Formas Simples). Os Grimm publicaram Branca de Neve, Rapunzel, A Bela Adormecida, O Gato das Botas, O Capuchinho Vermelho, etc. Estes escritores recontaram contos anteriormente contados por Perrault (1628-1703), como por exemplo o Gato das Botas.

Os séculos XIX e XX, **quinta fase**, foram ricos em contistas. Relativamente ao século XIX passamos a citar os mais relevantes: Nathaniel Hawthorne (1804-1864), Poe (1809-1844), Maupassant (1850-1893), Flaubert (1821-1880), Leo Tolstoy (1828-1910), Mary Shelley (1797-1851), Tchekhov (1860-1904), Machado de Assis (1839-1908), Conan Doyle (1859-1930), Balzac (1799-1850), Stendhal (1783-1842), Eça de Queirós (1845-1900) e Aluísio Azevedo (1857-). Seria impossível não referenciar Hoffman (1776-1822), um dos pais do conto fantástico, que influenciou Poe (1809-1844), Machado de Assis (1839-1908), Sade (1775), Adalbert Von Chamisso (1781-1838), Nerval (1808-1855), entre muitos outros. **No século XX** podemos incluir, como contistas, Guimarães Rosa (1908), Virgínia Woolf (1882-1941), Kafka (1883), James Joyce (1882-1941), Lima Barreto (1881-1922), Eça de Queirós (1845-1900), entre outros.

1.1.2. SUAS CARACTERÍSTICAS

O Conto é uma forma narrativa, em prosa, com os mesmos componentes do romance, mas de menor extensão. Entre as suas principais características podemos salientar a concisão, a densidade, a precisão, a unidade de efeito ou impressão total – da qual falava Poe (1974) e Tchekhov (cit. Angelides, 1995): a leitura do conto deverá causar emotividade e excitação.

No que concerne ao espaço e ao tempo Poe referiu:

“ O conto como uma necessidade de uma literatura curta, concentrada, penetrante, concisa, em contraposição a uma literatura extensa, verbosa, pormenorizada, designando este género literário como um reflexo dos tempos, em que o Homem é forçado a escolher o curto, o condensado, o resumido, em lugar do volumoso”. (cit.Wikipedia 28/11/2007)

Trata-se assim de uma **questão de tempo**, de gerir o vaivém agitado da vida actual. Relativamente a este curto subgénero narrativo, o tempo é reduzido, as personagens são poucas e existem em função de um núcleo.

O Conto precisa de “**tensão, ritmo, imprevisto, unidade, compactação, concisão, conflito, início, meio e fim**. O passado e o futuro são pouco relevantes” (cit. Wikipedia 28/11/07)

Assim sendo, o flashback só pode ser usado quando estritamente necessário, mas da forma mais curta possível”.

Para descrever o Conto Vladimir Propp (1978), no livro A Morfologia do Conto Maravilhoso, desmonta-o e classifica-o em **unidades estruturais** – constantes, variantes, fontes, funções, sistemas, assuntos, etc. Ele refere ainda uma primeira fase, que engloba o religioso e uma segunda fase que abarca a história do conto.

O Conto pertence aos subgéneros narrativos escritos em prosa (in “Grande Temática Planeta”, 2003:82. A sua característica principal consiste num **breve relato** que desenvolve uma acção central, na qual participa um **reduzido número de personagens**. Pode-se dizer que o conto é um **género de síntese**, com todos os eventos perfeitamente interligados.

A **captação** do leitor pela história deve iniciar-se de **imediate**, com a leitura do título, e os eventos devem apresentar um final que justifique tudo o que tenha sucedido até então.

Tendo em conta o referido, todo o conto é uma narrativa **breve, clara e compacta**. A situação apresentada e sua proposição temática são **resumidas**.

Edgar Allan Poe (1842) desenvolve a sua teoria sobre o conto literário a partir da relação existente entre a extensão do conto (e, conseqüentemente, o tempo da sua leitura) e o efeito que a sua leitura causa no leitor (chamado por Poe “**efeito único**” ou impressão total). Um conto pode ser lido de uma só vez, exercendo domínio sobre o leitor, até porque: “todas as **emoções intensas**, por uma necessidade psíquica, são **breves**”. (Poe, 1985:103)

Segundo Jolles (1972), o Conto obedece a uma **moral ingênua**, oposta ao trágico real da vida quotidiana. Esta moral, subentendida, é uma espécie de lição/ensinamento, de ordem cultural, social ou religiosa, que é transmitida ao leitor.

Não existe uma ética da acção, mas sim uma ética do acontecimento. As personagens não fazem aquilo que devem fazer, os acontecimentos desenvolvem-se como devem acontecer. **O acontecimento narrado é mais importante do que as personagens que o vivem.**

Por fim, o conto não possui **precisão histórica**: personagens, lugares e tempo são, historicamente, indeterminados.

Na perspectiva de Machado de Assis (1873:161) o Conto “ é **género difícil**, a despeito de sua aparente facilidade, e [...] essa aparência lhe faz mal, afastando-se dele os escritores, e não lhe dando [...] o público toda a atenção de que ele é muitas vezes credor”.

Para além dos referidos “ensaístas”, outros também apontam o Conto como um alvo de fácil abordagem, apesar da sua construção não ser tão fácil como aparenta (in “Wikipedia”, 28/11/2007):

- Mempo Giardinelli referia o Conto como um género literário **moderno**, de **grande vitalidade**, uma vez que as pessoas jamais deixarão de contar o que se passa, nem de se interessar pelo que lhes contam.

- Faulkner opinava que o Conto era uma história em prosa, **curta, difícil e disciplinada.**
- Moacyr Scliar valorizava mais o Conto como forma literária, uma vez que, em termos de criação, este subgénero literário exigia muito mais do que o romance. As pessoas ligaram sempre o conto ao facto deste ser curto, daí o catalogarem de fácil. Na verdade constitui um **grande desafio.**

Apesar de o Conto ser referido como alvo de construção difícil, o resultado final, aquele que é avaliado pelo leitor, é positivo, como posteriormente iremos referir.

Fayol (1985) apresentava uma estrutura que se podia adequar à narrativa, e consequentemente ao conto. Eis a estrutura que ele apresentava:

1. Um estado inicial de equilíbrio;
2. Um momento de instauração de um desequilíbrio;
3. Uma ou várias acções para restabelecimento do equilíbrio;
4. Um estado final, em que se recupera o equilíbrio.

Ainda relativamente à estrutura da narrativa Oliveira (2006) apresenta-nos um conjunto de elementos, cuja representação formal corresponde à **estrutura do conto:**

- Início – o herói (ou heroína) aparece protegido, dando a conhecer os problemas ligados à sua realidade (estados de carência, penúria, conflitos, etc);
- Ruptura – o herói desliga-se da sua vida concreta, saindo da protecção inicial, mergulhando no desconhecido;
- Confronto e superação de obstáculos e perigos – o herói procura soluções no plano da fantasia, com a introdução de elementos imaginários;
- Restauração – o herói inicia o processo de descobrir o novo, possibilidades, potencialidades e polaridades opostas;
- Desfecho – o herói retorna à realidade, ocorrendo a união de opostos, a germinação, o florescimento, a colheita e a transcendência

Em síntese, tanto a permanência da personagem em situação como a sucessão de eventos e a transformação, na situação final, de predicados descritivos de ser, de ter ou de fazer, atribuídos a um determinado sujeito, em situação inicial, são uma situação fundamental, na perspectiva dos vários autores já citados.

Assumir que ações vividas através do tempo, por um determinado sujeito, se transformam, enquanto se desenrolam, é assumir que as narrativas se materializam enquanto processos unos.

Este processo uno que vai da introdução, ao desenvolvimento e à conclusão foram “transformados” por Adam, já citado, em macro-proposições formadas por sequências narrativas:

1. Situação inicial;
2. Complicação;
3. Ação;
4. Resolução;
5. Situação final.

2. O FANTÁSTICO E O MARAVILHOSO

FANTASIA

Do seu longínquo reino cor-de-rosa,
Voando pela noite silenciosa,
A fada das crianças vem, luzindo.
Papoulas a coroam, e, cobrindo
Seu corpo todo, a tornam misteriosa.

À criança que dorme chega leve,
E, pondo-lhe na fronte a mão de neve,
Os seus cabelos de ouro acaricia-
E sonhos lindos, como ninguém teve,
A sentir a criança principia.

E todos os brinquedos se transformam
Em coisas vivas, e um cortejo formam:
Cavalos e soldados e bonecas;
Ursos e pretos, que vêm, vão e tornam.
E palhaços que tocam em rabecas...

E há figuras pequenas e engraçadas
Que brincam e dão saltos e passadas...
Mas vem o dia, e, leve e graciosa,
Pé ante pé, volta a melhor das fadas
Ao seu longínquo cor -de -rosa.

(Fernando Pessoa, “Poesias Inéditas”)

“ A melhor das fadas é a fantasia, o sonho, que nos enlevam e nos tornam em seres dissolúveis...” (Ivone Gama)

Muito haverá a dizer sobre o **fantástico** e o **maravilhoso**, sobretudo no que se refere à literatura infanto-juvenil.

O Conto pode assumir um carácter real, fantástico ou maravilhoso.

Originalmente, e segundo Cristiane Madanêlo de Oliveira (2005), a literatura foi essencialmente fantástica.

“ Nessa época era inacessível à humanidade o conhecimento científico dos fenómenos da vida natural ou humana, assim sendo o pensamento mágico dominava em lugar da lógica que conhecemos”. (Cristiane Madanêlo de Oliveira, “ A Importância do Maravilhoso na Literatura Infantil”- [online], Internet via WWW URL: <http://www.graudez.com.br/litinf/marav.htm>, 26/03/2008

Deste modo torna-se compreensível que o surgimento das fábulas, inerentes a uma compreensão crítica do indivíduo como ser social, se tenha transformado de literatura arcaica para literatura infantil. Logicamente, o muito mágico constitui uma atracção espontânea da criança. Eis o que nos diz Louis Vax , a este respeito:

“ A narrativa **fantástica** (...) gosta de nos apresentar, habitando o mundo real onde nos encontramos, homens como nós, postos de súbito em presença do inexplicável”. (Louis Vax, in “ L’Art et la Littérature Fantastiques, 1972:8)

Também Tzvetan Todorov refere esta dualidade entre o real e o sobrenatural:

“ O **fantástico** é a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento aparentemente sobrenatural”. (Tzvetan Todorov, “Introduction à la Literature Fantastique”, Paris, Editions de Seuil, s.d. (trad. De Maria Clara Castelo, 2º ed., São Paulo, Editora Perspectiva S.A., 1992:31)

Efectivamente, uma das características dos **Contos Fantásticos** reside no facto de haver uma explicação real para o que sucedia no mundo da imaginação e do sonho:

“Somos assim transportados para o âmago do fantástico. Num mundo que é exactamente o nosso, aquele que conhecemos, sem diabos, sífides, nem

vampiros, produz-se um acontecimento que não pode ser explicado pelas leis deste mesmo mundo familiar”.(Todorov op.cit:30)

Surge uma explicação racional para os acontecimentos fantásticos que vão ganhando vida página a página. Todorov (1992:36), na obra supra citada, traduz de forma simples mas crucial o fantástico: “Cheguei quase a acreditar...”

Segundo a sua teoria Todorov (1992) sempre que haja uma justificação para o insólito, estamos perante o fantástico; se o insólito não tiver explicação, estamos perante o maravilhoso.

Segundo Todorov o **Fantástico** está associado a três condições. A primeira remete para o facto de que:

“o texto obrigue o leitor a considerar o mundo das personagens como um mundo de criaturas vivas e hesitar entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural dos acontecimentos evocados” (Todorov op.cit.:38,39)

A segunda condição pode ser manifestada por uma personagem, cuja hesitação nada mais é que o sentimento do leitor:

“ [...] desta forma o papel do leitor é, por assim dizer, confiado a uma personagem e, ao mesmo tempo, a hesitação encontra-se representada.” (Todorov op.cit:39)

A terceira condição assenta no equilíbrio do leitor. Este não deve ler as palavras sempre em sentido divagatório, nem sempre em sentido tão radical, ao ponto de não ler para além do que está escrito:

“ [...] é importante que o leitor adote uma certa atitude para com o texto: ele recusará tanto a interpretação alegórica a interpretação poética”. (Ibidem)

Para Cristiane Madanêlo de Oliveira (2005), a literatura foi essencialmente fantástica. Esta autora traça, não só o início da literatura fantástica, como anteriormente foi referido, mas também o seu desvanecer, sendo o fantástico uma:

“...forma privilegiada da Literatura Infantil, desde seus primórdios (sec.VII), até à entrada do Romantismo, quando o maravilhoso dos contos populares é definitivamente incorporado ao seu acervo (pelo trabalho dos Irmãos Grimm, na Alemanha; de Hans Christian Andersen, na Dinamarca; Garret e Herculano em Portugal; etc.)”(Cristiane Madanêlo de Oliveira, “ A Importância do Maravilhoso na Literatura Infantil”- [online]Internet via WWW URL: <http://www.graudez.com.br/litinf/marav.htm>, 26/03/2008)

Segundo esta autora, o Maravilhoso ou ocorre sempre fora do nosso entendimento espaço-temporal ou é centrado em lugar indeterminado, não se regulando pelas leis naturais das coisas.

O Maravilhoso é importante na literatura infantil, uma vez que o seu simbolismo vai agir no inconsciente da criança, auxiliando-a a resolver os conflitos interiores, inerentes a esta fase da vida.

Através do **Maravilhoso** são apresentadas qualidades, defeitos, sentimentos e condutas. Partindo do maravilhoso criticam – se valores de aceitação, rejeição, indiferença, em suma, pesam-se os bons e os maus valores, através da vida incutida nas personagens.

Relativamente ao maravilhoso Propp afirma:

“ Podemos chamar conto maravilhoso, do ponto de vista morfológico, a qualquer desenrolar de acção que parte de uma malfeitoria ou de uma falta, e que passa por funções intermediárias para ir acabar em casamento ou em outras funções utilizadas como desfecho.

A função limite pode ser a recompensa, alcançar o objecto desejado ou, de uma maneira geral, a reparação da malfeitoria, o socorro e a salvação durante a perseguição, etc. Chamamos a este desenrolar de acção uma sequência. Cada nova malfeitoria ou prejuízo, cada nova falta dá lugar a uma nova sequência. Um conto pode ter várias sequências, e quando se analisa um texto, é necessário em primeiro lugar determinar de quantas sequências este se compõe” (Propp, “A Morfologia do Conto”, Lisboa, Veja, 1978:144)

Propp (1978), na obra supracitada, salienta que o **Conto Maravilhoso** caracteriza -se por um número restrito de funções, ordenadas segundo esquemas rígidos, designando função como “ a acção de uma personagem, definida do ponto de vista do seu significado no desenrolar da intriga”. Nessas funções há grandezas

constantes e grandezas variáveis: mudam os nomes, não mudam as acções. No Conto Maravilhoso atribuem-se acções iguais a personagens diferentes, por mais diferentes que estas sejam, sendo que “ Por função, compreende-se o procedimento de um personagem, definido do ponto de vista de sua importância para o desenrolar da acção”. (Ibidem).

Segundo João Batista Cardoso “ Os personagens (quem?) têm uma atuação (o quê), com características específicas (como agem?) num certo lugar (onde?), num certo tempo (quando?) e por alguma razão (por quê?). Essas interrogações têm função relevante na caracterização dos agentes da narrativa.” Cardoso, in “Teoria e Prática de Leitura, Apreensão e Produção de Texto”, 2001:42)

Propp (1984:26) identifica 31 funções existentes nos Contos Maravilhosos, considerando as funções das personagens como partes fundamentais deste género de Conto, baseando nelas o seu método de análise das narrativas: “Isto explica o duplo aspecto do Conto Maravilhoso: de um lado, sua extraordinária diversidade, seu carácter variado; de outro, sua uniformidade, não menos extraordinária, e sua repetibilidade.” (Ibidem)

Segundo este autor as funções do **Conto Maravilhoso** são cerca de trinta e uma, como já referimos. As primeiras sete constituem a parte preparatória do Conto, que principia com uma exposição de uma situação inicial. A intriga tem início no momento em que se pratica a malfetoria. As restantes funções respeitam a ordem estabelecida, mas nem sempre existem em todos os Contos:

1. Distância - Ocorre o afastamento de casa, relativamente a um dos membros da família;
2. Proibição - Ao herói impõe-se uma proibição;
3. Infracção - A proibição é transgredida;
4. Investigação - O agressor tenta obter informações acerca da sua vítima;
5. Delação - O agressor recebe essas informações;
6. Armadilha - O agressor tenta enganar a sua vítima a fim de se apoderar dela ou dos seus bens;
7. Conivência - A vítima deixa – se enganar pelo inimigo;

8. Culpa - O inimigo faz mal à sua vítima ou a um dos membros da família deste;
9. Mediação - Um dos membros da família deseja possuir algo, ou qualquer coisa lhe falta;
10. Consenso/castigo - O herói entra em acção;
11. Partida do herói - O herói deixa a casa;
12. Submissão/ provação - O herói passa uma prova, que o prepara para o recebimento de um objecto ou auxílio mágico;
13. Reacção - O herói reage às acções do doador;
14. Fornecimento de magia - O objecto mágico é posto à disposição do herói;
15. Transferência - O herói desloca-se até ao local da sua demanda;
16. Confronto - Herói e agressor confrontam-se;
17. Herói assinalado - O herói recebe uma marca;
18. Vitória - O agressor é vencido;
19. Remoção do castigo/culpa - Tudo é reparado;
20. Retorno do herói - O herói volta;
21. Perseguição - Porém o herói é perseguido;
22. Salvação do herói - O herói é socorrido;
23. Chegada incógnita do herói - O herói chega incógnito à sua casa ou a outro país;
24. Pretensão do falso herói - Um falso herói assume carácter de bom;
25. Provação - Propõe – se ao herói uma tarefa difícil;
26. Execução do dever - A tarefa é cumprida;
27. Reconhecimento do herói - O herói é reconhecido,
28. Desmascaramento - O falso herói é desmascarado;
29. Transfiguração do herói - O herói recebe uma nova aparência;
30. Punição do antagonista - O falso herói é punido;
31. Núpcias do herói - O herói casa – se, sobe ao trono.

Propp afirmou ainda que [...] os Contos de Magia possuem uma construção absolutamente peculiar.” (1984:15): “as partes constituintes de um conto podem ser

transportadas para outro sem nenhuma alteração.” (1984:16). Tal constatação pode ser justificada pelos seguintes argumentos, que definem o que é um Conto de Magia:

“ Do ponto de vista morfológico podemos chamar de conto de magia a todo desenvolvimento narrativo que, partindo de um dano (A) ou uma carência (a) e passando por funções intermediárias, termina com o casamento (W0) ou outras funções utilizadas como desenlace. A função final pode ser a recompensa (F), a obtenção do objecto procurado ou, de modo geral, a reparação do dano (R), o salvamento da perseguição (Rs), etc.”

O **Fantástico** é uma dúvida: será realidade ou sonho? A verdade e a ilusão fundem-se e confundem-se, mas a racionalidade prevalece.

Ao contrário, no **Maravilhoso**, não há racionalização. O sonho nunca é apagado ou convertido em realidade.

Cristiane Madanêlo de Oliveira, (capturado em 26/03/2008), refere a importância do Maravilhoso para o desenvolvimento das crianças: a Psicanálise coloca os significados simbólicos dos **Contos Maravilhosos** interligados a dilemas enfrentados pelo Homem, ao longo do seu amadurecimento emotivo. A criança, também ela, manifesta a necessidade defender a sua vontade, a sua independência, relativamente aos pais, irmãos, amigos...

“Lembra a Psicanálise, que a criança é levada a se identificar com o herói bom e belo, não devido á sua bondade ou beleza, mas por sentir nele a própria personificação de seus problemas infantis: seu inconsciente de bondade e beleza e, principalmente, sua necessidade de segurança e protecção. Pode assim superar o medo que a inibe e enfrentar os perigos e ameaças que sente à sua volta, podendo alcançar gradativamente o equilíbrio adulto”. (Cristiane Madanêlo de Oliveira, “ A Importância do Maravilhoso na Literatura Infantil”- [online], Internet via WWW URL: <http://www.graudez.com.br/litinf/marav.htm>, 26/03/2008)

A autora refere ainda que a Psicologia Experimental redescobriu a Literatura Infantil, associada a diferentes estágios do seu desenvolvimento, desde a infância à adolescência, e sua importância na formação e evolução da personalidade do futuro adulto. A sucessão das fases da inteligência tem carácter constante e é

igual para todos. As idades correspondentes a cada fase podem mudar, dependendo da criança ou do meio em que se insere.

O **Maravilhoso** ajuda a criança a crescer com equilíbrio, sem medos ou frustrações.

3. O IMAGINÁRIO

Aquela Nuvem

Aquela nuvem
Parece um cavalo...

Ah! Se eu pudesse montá-lo!

Aquela?
Mas já não é um cavalo, é uma barca à vela.

Não faz mal.
Queria embarcar nela.

Aquela?
Mas já não é um navio,
É uma Torre Amarela
A vogar no frio
Onde encerram uma donzela.

Não faz mal.
Quero asas
Para espreitar da janela.

Vá lancem-me ao mar
Donde voam as nuvens
Para ir numa delas
Tomar mil formas
Com sabor a sal
- labirinto de sombras e cisnes
No céu de água-sol-vento-luz concerto e irreal...
(José Gomes Ferreira)

“O Imaginário é uma nuvem que pode ser moldada pelas asas da imaginação.
A escultura de que aí resulta só tem valor quando feita em voo celestial...”
(Ivone Gama)

Numa primeira abordagem pretendemos desmitificar a noção algo errada de Imaginário enquanto prática de fantasia e de delírio. Já Lewis, 2006, cit. Silva, 2007:105) dizia:

“A memória é um chapéu velho; a imaginação é um par de sapatos novos. Tendo perdido os sapatos novos, que resta fazer senão partir à sua procura?”
(Lewis, 2002, cit.Silva, 2007:105)

Araújo (2003), usando um Imaginário que apelida de informado e formado, demonstra que o imaginário, enquanto lugar privilegiado na criação de significados mítico-simbólicos, revaloriza a imaginação criadora. Tal facto vem permitir compreender as narrativas contemporâneas da literatura infantil e juvenil, como sendo receptáculos vivos, de contínuas permutas de sentido, uma vez que imaginário e literatura formam um todo.

Os heróis míticos, diz-nos Bettelheim (2006), apresentam dimensões sobre-, humanas, o que faz com que os contos sejam aceites pelas crianças. Porém, estes servem apenas para a formação do super ego e não para a formação da personalidade total. O autor refere que aqui a criança sabe que não pode igualar os seus feitos, mas apenas imitar um bocadinho o herói, para que ela, criança, não seja vencida pela discrepância entre este ideal e a sua própria pequenez.

Iser (1997) refere que o ideal será reconhecer na leitura do Imaginário uma leitura polissémica e de abertura ao outro e a outras realidades, através do uso apropriado de uma teoria hermenêutica e imaginativa. Tal facto leva-nos a uma intertextualidade dinâmica, capaz de aplicar-se a diferentes contextos e épocas de produção literária.

Contudo Bettelheim (2006) refere a necessidade de magia na criança, uma vez que:

“ Seja qual for a nossa idade, só uma história que seja conforme os princípios subjacentes ao nosso pensamento tem força para nos vencer. Se isso é assim para os adultos, que aprenderam a aceitar que há mais de um quadro de referência para compreender o mundo – se bem que achemos difícil, senão

impossível, compreendermos verdadeiramente outros quadros diferentes dos nossos -, isso é particularmente verdadeiro para a criança. A sua maneira de pensar é animista”. (Bettelheim, in “Psicanálise dos Contos de Fadas”, Bretan, 2006:)

Quando as crianças se interrogam:” Quem sou eu”; ”Como devo ocupar-me dos problemas da vida?”; ”O que vou ser eu na vida?” – são sobretudo os Contos, cheios de Fantasia e Imaginação, que fornecem respostas a estas questões.

Porém, deverá ser dada à criança a possibilidade de alargar a sua visão do mundo, numa perspectiva, quer cognitiva, quer sócio – cultural, se tivermos em conta:

- A legitimidade e a importância de uma constante intertextualidade reflexiva na consciência do leitor, tal como a noção de que a imaginação é um domínio do científico – literário, sem limitações temporário – espaciais;
- A participação, desde sempre, das características essenciais da humanidade enquanto dimensão simbólica, pela qual se exprime Meek (2006), ao apontar para a divulgação de uma literacia do Imaginário, a qual deverá ser incentivada e contextualizada, dentro da sala de aula. A autora dá ainda vital importância relativamente à identificação de temas, símbolos e imagens, levando à criação de novos sentidos e, essencialmente, ao apego ao texto.

“ Para que uma história possa prender a atenção de uma criança, é preciso que ela a distraia e desperte a sua curiosidade. Mas, para estimular a sua vida, ela tem de estimular a sua imaginação; tem de a ajudar a estimular o seu intelecto e esclarecer as suas emoções...” (Bruno Bettelheim, 1998:11)

Torna-se assim fundamental, proporcionar à criança leitora a possibilidade de transformar as respostas sugeridas pelos textos em verdadeiros momentos polifónicos que lhe proporcionem a abertura a outras realidades.

4. A IMAGINAÇÃO

O Pássaro da Cabeça

Sou o pássaro que canta
Dentro da tua cabeça
Que canta na tua garganta
Canta onde lhe apeteça

Sou o pássaro que voa
Dentro do teu coração
E do de qualquer pessoa
Mesmo as que julgas que não

Sou o pássaro da imaginação
Que voa até na prisão
E canta por tudo e por nada
Mesmo com a boca fechada

E esta é a canção sem razão
Que não serve para mais nada
Senão para ser cantada
Quando os amigos se vão

E ficas de novo sozinho
Na solidão que começa
Apenas com o passarinho
Dentro da tua cabeça.

(Manuel António Pina, “O Pássaro Sem Cabeça”,
in “A Regra do Jogo”, Edições, Lda, s/d.)

A Imaginação pode ser comparada a um pássaro sem cabeça, porque para se imaginar apenas precisamos do espírito e não da cabeça. Esse pássaro pode estar aprisionado pelo olhar superior do adulto, ou pode estar parado porque, simplesmente, não se sabe soltar.

Segundo um artigo de Gilka Girardello (1999) é impossível desfrutar de um livro sem Imaginação e, até na matemática e nas ciências, a imaginação é fundamental, pois é impossível inventar fórmulas sem imaginar. A Imaginação torna-se, deste modo, um desencadeador do desenvolvimento da cultura e do conhecimento humano, em todas as competências.

Esta autora (1999) também refere que o tempo, o espaço, a comunicação, as práticas culturais, a experimentação, a fantasia, a curiosidade e a imaginação são importantes para o desenvolvimento da criança. Refere esta última como um aspecto que se pode associar ao conto, podendo ser desenvolvida através da multiplicidade narrativa:

“[...]um dos melhores adubos que a gente pode oferecer à imaginação da criança é a multiplicidade narrativa: trabalhar por ela, por dentro e por fora da televisão, é uma das coisas mais importantes que a gente pode fazer pela imaginação das crianças, ou seja, pelo futuro.” (Gilka Girardello <http://www.aurora.ufsc.br/index.htm>, capturado em 26/02/08)

Gilka Girardello (1999) salienta ainda o facto de que, durante muito tempo, inteligência e imaginação eram apontadas como opostas e até como inimigas, mas que hoje se sabem estar interligadas.

Assim sendo, devemos aproveitar a Educação Infantil para desenvolver actividades curriculares que favoreçam a imaginação da criança, como jogos, cantigas, poesias, histórias, sendo no entanto necessário trabalhar com estratégias diversificadas, respeitando o tempo necessário para a realização de cada actividade.

Gilka Girardello (1999) foca que o desenvolvimento da imaginação na criança depende do adulto e do seu entendimento que estes têm da infância e dos comportamentos próprios da idade. O adulto deverá deixar a criança ser criança.

Mas quais são as condições favoráveis ao florescimento da imaginação infantil?

Sucintamente, a autora supracitada, refere as seguintes condições, como impulsionadoras da imaginação:

- Capacidade de olhar e aprender a ver para lá das coisas;
- Contacto com a natureza, sem preocupações de se sujar, constipar...;
- Ócio, desfrutando do tempo, com prazer e sem pressas;
- Atitude dos adultos com que a criança vive, contribuindo para um ambiente favorável ao seu desenvolvimento cognitivo e afectivo;
- Contacto com histórias, com o ouvir e apreciar, o que de tão rico elas possuem e oferecem;

A narrativa é, sem dúvida, a melhor forma de desenvolver a imaginação.

As histórias permitem o exercício constante da imaginação, constituindo um elo entre a imaginação e a cultura. Abre-se um livro e... voa – se! Mas quando se liga a TV, que acontece à imaginação?

Italo Calvino (1993), relativamente a este assunto, questiona-se:

“será que no atual dilúvio de imagens pré-fabricadas a gente não está correndo o risco de perder a capacidade de por em foco visões de olhos fechados, de pensar por imagens? será que a gente não está colocando em risco o cinema mental da imaginação?”

Se para este autor as “imagens pré-fabricadas” são um risco para a construção imaginativa. Nani Moretti (1994) tem opinião contrária, como se pode ouvir pela boca de uma das suas personagens: "A televisão não destrói a imaginação das crianças: Quando vêm televisão, elas sonham de olhos abertos!"

Segundo Gilka Girardello (1999), as duas perspectivas têm de ser contextualizadas tendo em conta.:

- O tempo que a criança assiste à TV;
- A qualidade geral do quotidiano da criança;

- O conteúdo da programação.”

No início dos anos 80, a psicologia cognitiva apontava para o facto de que assistir televisão castrava a imaginação. Pesquisas mais recentes mostram que, pelo contrário, o conteúdo da televisão é partilhado pela brincadeira: os heróis, as heroínas e as aventuras da televisão são usados como matéria-prima da fantasia infantil.

“As narrativas da TV funcionam como uma espécie de pré-roteiro para a brincadeira imaginativa das crianças. Isso acontece inclusive durante a própria experiência, já que as crianças brincam e devaneiam com frequência enquanto assistem televisão.” (Gilka Girardello. <http://www.aurora.ufsc.br/index.htm>, capturado em 26/02/08)

Mas é de fulcral importância apostar na qualidade das narrativas que se colocam ao dispor da criança, inclusive pela televisão.

Segundo este artigo, Gilka Girardello (1999) refere os adultos como responsáveis pela saúde imaginativa das crianças.

“A narrativa da TV deveria permitir o encontro da criança com alguma dimensão profunda, complexa, misteriosa da vida, mas adequada ao nível de desenvolvimento das crianças. Uma narrativa de qualidade -- também na TV -- é aquela que oferece metáforas ou continentes para as experiências conscientes ou inconscientes das crianças. Um critério para se avaliar a qualidade de um programa do ponto de vista da imaginação seria ver o que ele oferece para apoiar a necessidade que a criança tem de elaborar suas ansiedades através da fantasia.” <http://www.aurora.ufsc.br/index.htm>, capturado em 26/02/08)

Os programas visionados pela criança devem possuir riqueza ética e estética, transmitir outros saberes, outras culturas, tradições interiores e exteriores... As narrativas devem surgir de uma base e não do nada; devem ser ricas e multifacetadas; devem abrir em leque de fertilidade para, deste modo, adubarem a Imaginação da criança.

“O florescimento da imaginação infantil depende muito de que ela possa nadar, brincar, chapinhar num rico mar-de-histórias, que seja como um plâncton fértil sempre a gerar mais histórias” <http://www.aurora.ufsc.br/index.htm>, capturado em 26/02/08)

5. O LÚDICO

A jogar também se aprende.

Jovens, adultos, idosos, todos encontram no jogo uma forma de satisfazer as suas necessidades de entretenimento, de informação, de desafio, entre outras.

Kiskimoto (2003:246) diz-nos, a propósito do acto de jogar que:

“ O jogo é um dos sucedâneos mais importantes do brincar (...) O jogar é uma brincadeira organizada, convencional, com papéis e posições demarcadas (...) A brincadeira é uma necessidade da criança; o jogo, uma das suas possibilidades à medida que nos tornamos mais velhos. Quem brinca sobreviveu (simbolicamente) quem joga jurou (regras, propósitos, responsabilidades, comparações) ”

Já no romantismo se construía uma nova imagem da infância, sendo o jogo reconhecido como comportamento típico e natural da criança. Frobel (1826:248), a este propósito, refere que:

“ O jogo constitui o mais alto grau de desenvolvimento da criança durante a infância porque é a manifestação espontânea do interior, imediatamente provocada por uma necessidade também interior. O jogo é o produto mais puro e espiritual desta fase do crescimento humano. É ao mesmo tempo modelo e reprodução da vida, da íntima e misteriosa natureza do homem e de todas as coisas. Por isso levam à alegria, liberdade, satisfação, paz e harmonia com o mundo(...)”

Numa perspectiva mais psicológica, vejamos o que diz Winnicott (1975:249):

“ É no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, a criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar a sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (self). Ligado a isso, temos o facto de que somente no brincar é possível a comunicação”.

Se a criança joga, ela vai desenvolvendo competências cognitivas e, em simultâneo, crescendo.

O contexto de ensino/aprendizagem/escola deve aproveitar-se desta realidade, ao entender que a aprendizagem também se prende com os aspectos do lúdico.

O lúdico favorece a aquisição de conhecimentos e, ao pensar como deve agir, a criança desenvolve a sua cognição, porque também aprende a pensar.

A motivação, por vezes tão difícil, pois as crianças revelam frequentemente falta de interesse pela escola e por tudo o que ela representa, também pode ser despoletada através do lúdico. Vejamos o que nos diz Brenelli (2005:254)

“garante-lhes, de um lado o interesse, a motivação, há tanto reclamada pelos professores, além de possibilitar-lhes construir ou aprimorar [os] seus instrumentos cognitivos e favorece a aprendizagem de conteúdos”.

Fazer do jogo um factor didáctico, mais do que um passatempo é promover o crescimento cognitivo linguístico, cognitivo pessoal e cultural, como aliás temos vindo a afirmar ao longo deste trabalho.

6. OS CONTOS DE FADAS

“ Cada conto de fadas é um espelho mágico que reflecte certos aspectos do nosso mundo interior e os passos exigidos pela nossa evolução da imaturidade para a maturidade. Para aqueles que mergulham naquilo que o conto de fadas pode comunicar, este torna-se uma lagoa profunda e mansa que, ao princípio, parece reflectir somente a nossa própria imagem; porém, por trás, depressa descobrimos as lutas interiores da nossa alma – a sua profundidade e os caminhos que temos de seguir para obtermos paz dentro de nós mesmos e paz com o mundo em geral, o que constitui a recompensa da nossa luta. ”(Bettelheim, “ Psicanálise dos Contos de Fadas, 2006:390)

“ Os contos de fadas são dirigidos às crianças; mas pelo valor simbólico, se dirigem a todas as idades, falando com seriedade, de forma breve e categórica, dos dilemas e ansiedades existenciais como o medo da morte, de não ser amado, de não ter valor, etc... (Zamboni, 1984:162

“O conto de fadas é o que eu fui, o que eu sou e o que eu serei...”
(Ivone Gama)

Os contos de fadas têm origem celta. Neles se destacava o amor mágico e imortal, evidenciando o status social elevado das mulheres na cultura celta, vinculado em Morgana e Viviana. Pegando nesta constatação Coelho (1984:34) destaca:

“Na maioria das tradições, as fadas aparecem ligadas ao amor, ou sendo elas próprias as amadas, ou sendo mediadoras entre os amantes. A partir da cristianização do mundo, foi esse último sentido que predominou, perdendo-se completamente aquela outra dimensão mágica, sobrenatural.”

Diz-nos Bettelheim que, ao mesmo tempo que distrai a criança, o Conto de Fadas promove o desenvolvimento da sua personalidade elucidando-a vai elucidando-a sobre ela própria.

O Conto de Fadas é, na perspectiva do autor, um misto de significação, com níveis diferentes e diferenciados, capaz de enriquecer a existência da criança, de uma forma inigualável.

Na perspectiva do autor, as fadas proporcionam um desenvolvimento atraente, onde o jovem se encontra verdadeiramente, a si próprio.

“ Os contos de fadas não têm igual, não só como forma de literatura mas como obras de arte plenamente compreensíveis para a criança, como nenhuma outra forma de arte o é. Tal como a verdadeira arte, o sentido mais profundo do conto de fadas difere de pessoa para pessoa, e difere para a mesma pessoa em momentos diferentes da sua vida” (Bettelheim, “ Psicanálise dos Contos de Fadas, 2006:21)

A educação psicológica, a educação moral, assim como o processo metacognitivo, podem ser desenvolvidos através dos Contos de Fadas.

Contudo, o autor supra citado, deixa um aviso que passamos a apresentar:

“ [...] o verdadeiro sentido, o impacto de um conto de fadas só podem ser apreciadas, o seu encantamento só pode ser sentido se a história for contada na sua forma original. A simples descrição dos episódios significativos de um conto de fadas empresta pouco sentimento àquilo de que ele trata [...]” (Bettelheim, in “ Psicanálise dos Contos de Fadas, 2006:30)

É tendo em atenção ao aviso daquele autor que mais adiante nos propomos apresentar o nosso Conto.

Goethe refere que um Conto de Fadas é uma obra de arte. Ouvir um Conto destes e ficar com as imagens que ele representa pode ser comparado com um lançar de sementes, onde algumas delas se implantarão na mente das crianças.

Também Paulo Urban (2001) faz uma comparação entre Contos de Fadas e pequenas obras de arte, causadoras de impacto psicológico positivo, uma vez que os “feitos narrados expressam, em suma, a condição humana frente às provações da vida.

“Não fossem assim tão verdadeiros ao simbolizar nosso caminho pessoal de desenvolvimento, apresentando-nos as situações críticas de escolha que invariavelmente enfrentamos, não despertariam nem sequer o interesse nas crianças que buscam neles, além da diversão, um aprendizado apropriado à sua segurança. Nesse processo, cada criança depreende suas próprias lições dos contos de fadas que ouve, sempre de acordo com seu momento de vida”. (Paulo Urban, Publicado na Revista Planeta nº 345/Junho 2001)

Conforme citação de Maria Alberta Meneres (2003), o Conto de Fadas tem um efeito terapêutico, uma vez que: “[...] a criança encontra nele uma solução para as suas dúvidas através da contemplação do que a história parece implicar acerca dos seus conflitos pessoais nesse momento da vida.”

A autora (2003) refere-se ainda o Conto de Fadas como uma garantia em relação à criança. Esta aprende que as dificuldades podem ser superadas e que os medos, próprios da idade, podem ser ultrapassados. As pequenas desilusões do dia-a-dia serão aceites com maior conformidade, uma vez que os seus esforços serão recompensados.

Assim sendo, os Contos de Fadas irão garantir à criança, ser desprotegido por natureza, firmeza no combate dos seus pequenos – grandes problemas. Ela apercebe-se do irreal no Conto de Fadas, mas não assume a falsidade destes, uma vez que, de forma imaginária e simbólica, este subgénero narrativo acompanha os passos do seu crescimento, como refere a autora supracitada: “Num mundo já de si

perfeitamente antagónico, ela intuitivamente, divide tudo em bom e mau, para assim encontrar o seu equilíbrio.”

Também Bettelheim (2006:199) referiu o Conto de Fadas como um caminho ao encontro do equilíbrio:

“O conto de fadas comunica à criança um entendimento intuitivo, subconsciente da sua própria natureza e daquilo que o futuro lhe reserva se ela desenvolver as suas potencialidades positivas. Ela pressente através dos contos de fadas que ser humano significa ter de aceitar reptos difíceis, mas também achar aventuras maravilhosas.” (Bettelheim, in “ Psicanálise dos Contos de Fadas, 2006:30)

A criança, através deste tipo de Contos, vai aprendendo intuitivamente, a aceitar as diversidades da vida sem, no entanto, nunca deixar de sonhar.

7. LITERATURA INFANTIL OU APENAS LITERATURA?

Valor das Palavras

Há palavras que fazem bater mais depressa o coração – todas as palavras – umas mais do que outras, qualquer mais do que outras. Conforme os lugares e as posições das palavras. Segundo o lado de onde se ouvem – do lado do Sol ou do lado onde não dá o Sol.

Cada palavra é um pedaço do Universo. Um pedaço que faz falta ao Universo.

Todas as palavras juntas formam o Universo.

As palavras querem estar nos seus lugares!

(Almada Negreiros, “Poesia 4”)

No Conto pode e deve caber um pedaço do Universo, por isso ele deve, para além de outras vertentes, possuir uma vertente pedagógica.

Os Contos para crianças reflectem bons conselhos, incitam aos bons comportamentos e atitudes, defendem a lealdade, a tolerância, educando para a Cidadania. Este subgénero narrativo também faz da criança um herói aventureiro, capaz de desvendar o mistério mais insólito.

Esopo (?620 a.c.); La Fontaine (1621-1695); Charles Perrault (1628-1703); Irmãos Grimm (entre 1785 e 1863); Hans Christian Andersen (1805-1875); Virgínia de Castro e Almeida; Enid Blyton; Ana Magalhães e Isabel Alçada, estão ligados ao conto, como reflexo social e afectivo.

A construção do Eu, da identidade, das narrativas de vida de cada um, visando educar – ensinando, é o lema comum à Literatura Infantil.

Porém, não tem sido pacífica esta implantação da Literatura, com um carácter específico, chamado de Infantil.

Vejamos o que nos diz, a esse respeito, Barreto (1998:194):

“ Literatura é uma arte de espíritos elevados, uma ocupação de intelectuais, nada que uma criança possa aprender e que um verdadeiro escritor se dê ao trabalho de produzir.

As crianças brincam, não consomem literatura. Os livros, para elas, devem ser, consequentemente um brinquedo.”

As divergências quanto à existência de uma literatura para crianças, nomeadamente quanto ao conceito desta, à sua natureza e objectivos, trarão verdadeiramente muitos benefícios, pois uma teoria de Literatura Infantil irá certamente emergir.

Este turbilhão gerado em redor da Literatura Infantil não pode, de modo algum, ser descontextualizado da Sociedade, como referem Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada (1990:111-123):

“Além do talento e das opções individuais, a literatura infantil reflecte com clareza e nitidez a época a que pertence [...] O mundo transforma-se. A literatura infantil não tem outro remédio senão transformar-se também”.(Magalhães, A. M.^a, Alçada, I. – Literatura infantil, espelho da

alma, espelho do mundo Revista ICALP, vol.20 e 21, Julho – Outubro de 1990, 111-123.)

As crianças nem sempre foram alfabetizadas. Mais tarde este direito passou a ser exclusivo dos rapazes. Ainda há a salientar que, houve épocas, em que se escrevia para uma plateia específica. No século XIX, por exemplo, a literatura dirigia-se aos pequenos aristocratas e aos filhos da alta burguesia. Só mais tarde, com o alargamento progressivo da escolaridade obrigatória, independentemente da sua condição social, a literatura passou a ter um leque mais abrangente e “cenários” variados.

A sociedade tem tendência natural em acompanhar o evoluir das coisas e, em questão de literatura/literatura infantil, o mesmo se constatou.

Para Novaes Coelho (1984:198) este tipo de Literatura é:

“ [...] acima de tudo Literatura; ou melhor, é arte: fenómeno de criatividade que representa o mundo, o Homem e a vida através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática; o imaginário e o real; os ideais e a sua possível imposição/realização”.

Não parece pois fácil, uma vez que a arte é um mundo impossível de abarcar na sua totalidade, definir esta relação entre as duas: Literatura Infantil e arte.

Em Bichommier (1991:268) encontramos a tentativa de chegar ao mundo da criança, experimentada pelo autor, mundo aliás tão denso e rico, controverso e inabarcável, como é este mundo.

“ O termo genérico “Literatura para crianças” recobre duas realidades contraditórias: o mundo da Literatura e das crianças. Por Literatura, entende-se geralmente escrita livre, inspirada, uma estratégia pessoal do autor, não tendo a necessidade de agradar a ninguém em particular. É o mundo da Literatura [...]. Acrescentar “para crianças” à palavra literatura acaba, de certa maneira, por evocar um outro género literário, uma outra forma de escrita, adaptada a um público”.

Estas perspectivas acerca da Literatura Infantil remetem para as questões didáticas, ou seja, que tipo de Literatura escolher em contexto de sala de aula.

Cunha (1974:208) dá-nos conta desta inquietação ao afirmar:

“A Literatura Infantil influi e quer influir em todos os aspectos da educação do Aluno. Assim, nas três áreas vitais do Homem (actividade, inteligência e afectividade) em que a educação deve promover mudanças de comportamento, a Literatura Infantil tem meios de actuar.”

Como professoras uma certeza nos guia: a Literatura Infantil pode proporcionar “asas de liberdade”, motiva indiscutivelmente para a leitura, favorece a socialização e forma verdadeiros cidadãos.

8. A COMPREENSÃO LEITORA

Uma vez que nos propusemos ler um conto “Criar Laços”, como estratégia quer de motivação para a leitura, quer de desenvolvimento da própria competência do leitor ao nível da decodificação e da compreensão, cabe nesta parte do nosso trabalho uma reflexão acerca da leitura e sua aprendizagem.

A compreensão leitora implica a aprendizagem escolar em todas as disciplinas e a formação do indivíduo como cidadão activo. A sociedade impõe leitores profícuos e independentes, capazes de desvendar tudo o que lêem, relacionar textos entre si, sintetizar a informação e adequá-la a diversas situações (Sequeira, 1990). Assim sendo, a capacidade leitora envolve os sucessos escolar e profissional, a liberdade e ascensão social e a autonomia do indivíduo como cidadão (Borges, 1998).

O processo de leitura requer toda uma actividade mental: o reconhecimento da língua; a capacidade de perceber que as palavras escritas são similares às palavras orais; a capacidade de separar as palavras faladas nos sons que as compõem e juntá-las de novo; a capacidade de identificar e distinguir letras e grafemas nas suas formas variadas; a capacidade de assimilar a estrutura esquerda/direita e cima/baixo; a competência para compreender, inferir e avaliar o texto que decifra (Carrol, 1977).

Ler é pois uma acção complexa que requer abstracção, capacidade de pensar, reflectir, envolvendo todas as informações que o leitor já traz consigo (visão do mundo), que por sua vez irá permitir a criação de significados do texto. A esta complexidade refere-se Bamberger (1988:20), quando diz:

“Quando uma pessoa sabe ler bem não existem fronteiras para ela. Ela pode viajar não apenas para outros países, mas também no passado, no futuro, no mundo cósmico. Descobre também o caminho para a porção mais íntima da alma humana, passando a conhecer melhor a si mesmo e aos outros”.

Porém, este conceito de leitura, é contrário à perspectiva tradicional. Como refere Sardinha (2007) o acto de ler implicava apenas a decodificação, o que remetia para uma análise de texto, onde o leitor não tinha permissão para fazer juízos, para além destes.

Actualmente o conceito de leitura vê, no leitor, uma peça fundamental. O leitor torna-se, deste modo, um explorador do texto: “ Lire c’est devenir explorateur du texte.”(Chauveau, 1993; cit. Sardinha, 2007:4)

Segundo Frith (1985) e Ehri (1992) a aprendizagem da leitura efectua-se numa sequência de estágios:

- Estádio holográfico, no qual as crianças identificam palavras, tendo em conta traços visuais pertinentes.
- Estádio parcialmente alfabético, ligado ao facto de que as crianças apoiam-se no conhecimento que detêm de algumas letras, recorrendo às relações letra/som, para poder ler.
- Estádio alfabético, relacionado com o domínio do princípio alfabético, no qual é utilizado o procedimento fonológico da leitura, através da correspondência grafema-fonema, o que permite o acesso a palavras desconhecidas.
- Estádio ortográfico, ligado à consolidação do conhecimento das correspondências e armazenamento de unidades ortográficas, no léxico.

Para Manguel (1998) ler é um processo gerativo que reflecte uma tentativa organizada do leitor, para traçar um ou vários sentidos dentro das regras da língua.

Segundo Haviland e Clark (1974) o discurso constrói-se através das relações estabelecidas entre a informação nova e a informação contida no discurso, partindo daquela que o leitor já conhece. Daí que quanto mais ler, melhor leitor se tornará.

Também Loureiro (2000) aponta para esta dualidade, ao referir relativamente à compreensão leitora, os conceitos de “dado” – o que já é conhecido- e de “novo” – o que é apresentado pela primeira vez. Assim sendo, importa ler muito, ter contacto com textos ricos e variados, com textos que “saibam” ir à procura dessa peça fundamental: o leitor.

Desta breve resenha advém a pretensão de traçarmos uma linha de análise completamente vinculativa, pensando que é possível patentear a chamada literacia do imaginário, cujo primeiro objectivo é a interacção e a conseqüente procura de saberes plurais e conscientes.

O texto, cuja sinopse apresentaremos a seguir, é um convite à participação dos alunos em descobrir em cada malha desfeita outros significados, ou seja, outros textos.

Nesta perspectiva, iremos abordar a leitura como uma construção de significados, uma interacção plural, que vai para além da simples superfície do texto.

9. O PROFESSOR MEDIADOR DA LITERATURA INFANTIL

“Não sou, junto de vós, mais do que um camarada um bocadinho mais velho. Sei coisas que vocês não sabem, do mesmo modo que vocês sabem coisas que eu não sei ou já me esqueci. Estou aqui para ensinar umas e aprender outras. Ensinar, não: falar delas. Aqui e no pátio e na rua e no vapor e no comboio e no jardim e onde quer que nos encontremos.” (Sebastião da Gama, in “ Pela Palavra Se Abre o Mundo.”)

“Não sou, junto de vós, a detentora do saber, mas aquela que vos quer ensinar a aprender a viver. E vocês sois pequenos sóis que iluminam o que eu esqueci ou nunca aprendi!” (Ivone Gama)

Após a controvérsia analisada acerca do Papel da Literatura Infantil na formação da criança, iremos reflectir acerca da formação do professor mediador.

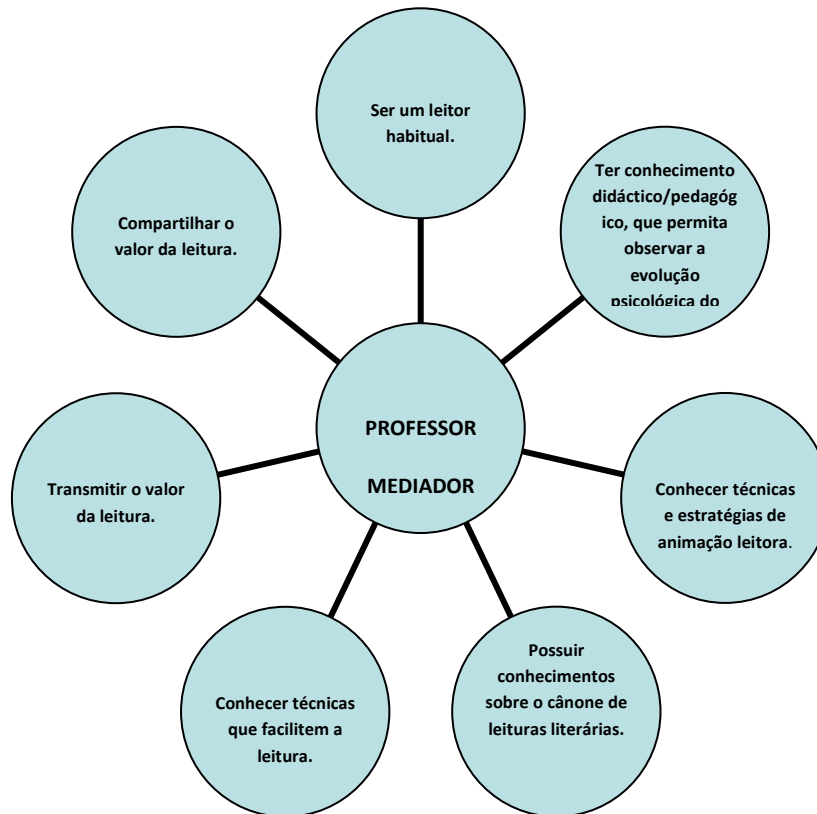
Para Cerrillo (2006) as funções do mediador são as seguintes:

- Criar hábitos de leitura estáveis;
- Ajudar a ler por prazer;
- Orientar leituras extra-escolares;
- Coordenar a selecção de leituras, segundo a idade e o interesse do aluno;
- Preparar, realizar e avaliar animações de leitura.

Porém, terá de ser ele próprio um bom leitor; alguém comprometido com a Literatura; alguém capaz de confessar:

“[...] as emoções que a leitura lhe provocou; as sensações que experimentou perante o texto; os horizontes que o mesmo abriu ou as portas que lhe fechou; a forma (inovadora ou não) como o tema foi tratado.” (Azevedo, 2006:17)

E é em Cerrillo que encontramos traçado o perfil do professor mediador. Para o autor este deverá ser:



Saber tirar partido da Literatura Infantil é formar leitores; é formar homens capazes de interpretar, eleger, debater e criticar.

O mediador tem um papel importantíssimo na formação das sociedades desenvolvidas e democráticas.

“O professor mediador deve ser a luz quente de um farol que guia os barquitos inexperientes, pelo oceano da vida.” (Ivone Gama)

CAPÍTULO III

1. ESCREVER/PROJECTAR UM CONTO

Improvisar ou escrever um Conto para crianças pode tornar-se em algo complicado, se não conhecermos minimamente o nosso destinatário.

“Escrever para crianças é palmilhar terreno movediço e imprevisível! Uma coisa em que não existe uma linguagem específica...e tudo que fazemos é reinventar, tacteando, dentro da árida linguagem de que nos utilizamos”.(Carvalho 1985:220)

Sabendo de antemão os riscos que corremos, foi com imensa alegria e até gratidão à nossa orientadora, que conseguimos levar avante o projecto cujo conto se intitula “ Criar Laços”, de modo a poder trabalhá-lo em contexto pedagógico.

Foi mediante as palavras de Cervera (1991: 22), que partimos para esta aventura, acreditando que o nosso texto

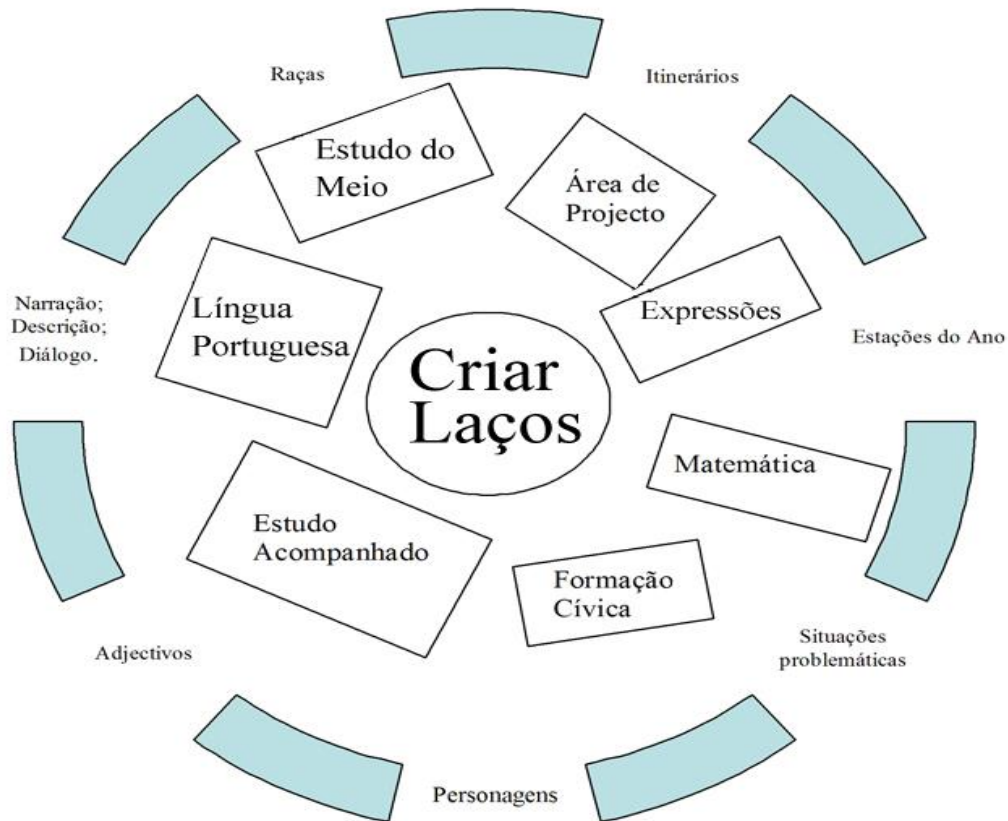
“es un acto de comunicación, de carácter estético, entre un receptor niño y un emisor adulto, que tiene como objetivo la sensibilización del primero y como medio la capacidad creadora y lúdica del lenguaje y debe responder a las exigencias y necesidades de los lectores.”

Com o Conto “ Criar Laços” pretendemos, como se pode fazer com qualquer outro conto, incentivar o gosto pela leitura e fomentar a imaginação.

Este conto foi concebido pensando nas crianças de 1º Ciclo, mas também se pode nele reflectir as ânsias do professor/autor.

“ Criar Laços” foi gerado tendo em conta a faceta multidisciplinar deste nível de ensino. Por isso pretendemos ramificar este conto para as várias áreas intrínsecas ao 1º Ciclo.

A fim de reforçar esta ideia, passamos a esquematizar esta nossa pretensão:



A multidisciplinaridade é uma mais-valia que o primeiro ciclo tem, podendo cada disciplina se complementar nas outras, envolvendo um mesmo tema, com um laço mais consistente.

Para a criança torna-se muito mais esclarecedor este encadeamento de ideias, onde um mesmo tema vai alicerçar-se nas outras áreas. Uma aula deve ser uma narrativa que a criança anseia por percorrer. Este conjugar e encadeamento de áreas alivia o peso que o processo ensino/aprendizagem pode operar.

2. “CRIAR LAÇOS”

A mensagem subjacente, de imediato, na história por mim inventada, é uma explicação original da sucessão natural das estações do ano. Existe porém, neste conto, uma crítica à inércia da sociedade actual.

Este conto desenrola-se no nosso planeta (**espaço físico**), há muito, muito tempo, altura em que o mundo estava dividido em quatro reinos (**tempo cronológico**), cada um reinado pela respectiva fada. Em cada Reino é descrita a Natureza, com suas características próprias, desde as condições atmosféricas até à adequação da roupa, encarnada na personagem Tempo. Também é descrita a forma como os habitantes dos reinos passavam o tempo, factor que está interligado às condicionantes ambientais. Nestas **descrições** há que referenciar aspectos ligados a diferentes culturas: fado, flamengo, ópera, hip-hop... Falando em diferença, é de salientar o facto de que cada fada representa uma raça humana.

A **personagem** principal é o sábio Vento, que está sempre presente nos quatro reinos, dando a conhecer a cada um as riquezas e belezas dos outros. É por isto que o Vento é o “responsável” pelo desequilíbrio da narrativa, mas a ele também se deve a restituição desse mesmo equilíbrio.

As Fadas, os Dotes, o Tempo, as personagens ligadas aos **diálogos** do conto, são personagens secundárias pois, embora participem na acção, não desempenham nela um papel decisivo.

As tartarugas, a baleia azul, as flores... são figurantes, visto que apresentam uma função meramente decorativa.

As personagens maravilhosas presentes nesta narrativa, são fadas, dotes, seres inanimados que despertaram para a vida, o bem e o mal. É pelo **maravilhoso** que se representam qualidades, defeitos e sentimentos, para depois se criticar esse mesmo mundo e o mundo real.

O nome das fadas deixa logo adivinhar o reino que cada uma delas impera, englobando, para além de uma intenção nominal, uma intenção semântica.

Através das Fadas e da Natureza, que vão adormecendo desmotivadas e apáticas, é criticada a vida da sociedade actual, com o seu rotineiro doentio e

monótono. Apesar da história em destaque não apresentar nenhuma explicação para o sobrenatural, permite ao leitor mais maduro aperceber-se que está presente de um contexto sócio – cultural específico e real. É pois esta aproximação que justifica a obra como **fantástica**: o leitor adulto associa a fantasia à realidade, saindo do espaço maravilhoso.

As acções, “em Criar Laços”, vão sendo apresentadas ao leitor em alternância e fundem-se nos momentos finais da narrativa. Os reinos vão sendo descritos, separadamente.

Uma doença – a Monotonia - surge nos quatro reinos e, separadamente, cada reino vai reagindo a ela; os quatro reinos unem-se num só e recuperam o equilíbrio.

As Fadas possuem um nome e características físicas de acordo com o Reino que imperam. Cada Reino é descrito, como já acima foi referido, de acordo com a Natureza própria da época. O Tempo aparece para “vestir”, demonstrar e adequar as roupas às condições climáticas, quando ainda não foi instaurado o desequilíbrio na narrativa. Quando este surge, o Tempo aparece de forma inversa, desadequando as suas roupas com as condições atmosféricas.

O desequilíbrio da acção encarna na Monotonia, doença que afectou os seres vivos daquele tempo/espaço e que, com muita frequência, também afecta o nosso século.

O **narrador** não participante é onisciente, uma vez que tem acesso ao interior das personagens, assim como aos eventos passados e futuros, analisando as acções, os comportamentos, os sentimentos e os pensamentos das personagens.

O narrador vai abordando o pequeno leitor, como que para se certificar de que ele continua a ler... Vai também emitindo as suas opiniões face às personagens e acontecimentos, sendo por isso subjectivo.

O suspense é um processo que o narrador vai utilizando para prender e suscitar a curiosidade do leitor.

Relativamente à posição do narrador face às personagens é mista, visto que coexistem momentos de caracterização directa (feita pelo narrador e pelas personagens) e de caracterização indirecta (sugerida pelas atitudes e comportamentos das personagens).

As crianças de hoje, na sua maioria, não estão despertas para observarem a Natureza de forma reflexiva, crítica e activa. Por vezes, nem se apercebem desta magia que as cerca e não associam certos pormenores às estações do ano (fruta, animais, alimentação...)

Assim sendo, através da leitura de “Criar Laços”, pretendemos despertar na criança, não só o gosto pela leitura mas também o gosto e interesse pela Natureza. O Conto, devido ao seu tamanho, não satura facilmente a concentração infantil.

É nosso intuito encaminhar o raciocínio dos nossos alunos para o facto da necessidade da existência das quatro estações do ano, que se completam umas às outras. A existência isolada de cada uma delas só seria possível num Conto de Fadas.

Através do fantástico queremos dar a conhecer o real; existe paralelismo entre o **real** e o **fantástico**: o fado, por exemplo, pode ser ouvido nestes diferentes universos!

No nosso Conto os animais falam, pensam e agem como o ser humano e, o final da história, possui um teor moralizante, fazendo tal facto lembrar as fábulas.

As crianças, ao fazerem a leitura desta narrativa, extrairão um determinado sentido, segundo os seus interesses e necessidades do momento, que irá variar consoante a idade. Mas ela regressará ao conto quando precisar de actuar no sentido da partilha e da cooperação. Neste sentido catalogamos “Criar Laços” como **Conto de Fadas**.

Por tudo isto consideramos este conto um híbrido, assente numa análise teórica que, posteriormente, se expandiu no seu produto final: “ Criar Laços”. Este híbrido faz lembrar uma citação de Todorov (1992):

“ as obras não devem coincidir com as categorias as quais têm apenas uma existência construída; uma obra pode, por exemplo, manifestar mais de uma categoria, mais de um género”.

Tsvetan Todorov, in “ Introduction à la Littérature Fantastique”, 1992:26

Esperamos poder retirar deste híbrido um resultado positivo, em termos de ensino/aprendizagem.

Desejamos ainda que a consciência leitora desperte para a monotonia da vida, tentando, através da inovação e da imaginação, combatê-la. É preciso desempenhar um papel social mais humano e menos mecanizado.

3. ESTRATÉGIAS/ACTIVIDADES

O conto em estudo deverá ser abordado por capítulos, para que a sua compreensão possa ser mais eficaz, uma vez que a extensão da história e seu conteúdo exigem pausas na leitura e vários dias de trabalho. Seguindo esta ordem de ideias aqui deixamos um exemplo de sequências de **actividades**:

1º DIA

Sequência	Tipo de Actividade	Actividades a realizar
1º Momento	Actividade colectiva	Apresentação da obra à turma.
2º Momento	Actividade colectiva	Leitura parcial da obra.
3º Momento	Actividade colectiva	Diálogo para assegurar a compreensão do texto e a adesão dos alunos.
4º Momento	Actividade colectiva	Continuação da leitura.
5º Momento	Actividade individual ou em grupos de dois alunos	Consolidação da leitura através da realização de fichas de trabalho.
6º Momento	Actividade colectiva	Correcção das fichas.

DIAS SEGUINTE

Sequência	Tipo de Actividade	Actividades a realizar
1º Momento	Actividade colectiva	Diálogo para relembrar e recuperar o enredo lido na aula anterior.
2º Momento	Actividade colectiva	Leitura parcial da obra.
3º Momento	Actividade colectiva	Diálogo para assegurar a compreensão do texto e a adesão dos alunos.
4º Momento	Actividade colectiva	Continuação da leitura ou diálogo para levar os alunos a formular hipóteses sobre as

		possíveis sequências da acção, seguidas de leitura para confirmar ou não o que anteciparam.
5º Momento	Actividade individual ou em grupos de dois alunos	Consolidação da leitura através da realização de fichas de trabalho. Trabalho de expressão escrita para promover a leitura silenciosa, a compreensão mais profunda do texto e um maior envolvimento afectivo.
6º Momento	Actividade colectiva	Partilha dos trabalhos realizados pelos alunos. Correcção das fichas.

DIA DA CONCLUSÃO DA LEITURA

Sequência	Tipo de Actividade	Actividades a realizar
Último Momento	Actividade Colectiva	Conversa livre sobre a obra. Exposição dos trabalhos. Dramatização.

A leitura de “Criar Laços”, como está proposta para ser lida por capítulos, deverá ser feita em diferentes modalidades, para amenizar a actividade que se estenderá a vários dias:

Modalidade de leitura a realizar na sala de aula	Vantagens para os alunos
<p>Leitura em voz alta feita pelo professor.</p> <p>Leitura silenciosa feita pelos alunos.</p>	<p>Torna-se proveitosa se o professor souber variar a entoação, criar expectativa e criar empatia com as personagens.</p>

	Cria apetência para o livro, aguça o desejo de saber ler.
Leitura em voz alta feita rotativamente pelo professor e pelos alunos.	Permite aperfeiçoar a capacidade de ler em voz alta. Contribui para reforçar o espírito de equipa. Permite um controlo natural das distrações.
Leitura gravada seguida de audição.	Permite auto avaliação e auto correcção. Pode ser enquadrada em programas de rádio ou televisão, simulados na aula.
Leitura feita por um convidado	Permite variar as situações de aula. Permite envolver os encarregados de educação.

Para este trabalho de leitura orientada haverá, na sala de aula, uma representação do mundo, dividida em quatro partes (F, B, M, N) e em cujo centro estarão representados o Vento e do Tempo. Essa representação será móvel, pois a leitura do conto será feita em seu redor. Ao se finalizar a leitura do 1º capítulo, esse “painel – mundo” será colocado no placar da sala de aula e o mesmo acontecerá aquando da leitura dos outros capítulos.

Reportando ao primeiro capítulo, os alunos com a ajuda da professora, vão descrevendo fisicamente a Fada Floriana. Tais características serão escritas no quadro, copiadas para uma ficha (anexo II) e, finalmente, para umas etiquetas

autocolantes. As etiquetas serão posteriormente colocadas no “painel mundo”, mais propriamente na divisória F, por ser a inicial do nome da fada do Reino da Primavera – Floriana. Poder-se-á aproveitar esta actividade para, posteriormente, ser feita uma revisão da caracterização física e psicológica. Relativamente às fichas constantes nos anexos III, IV e V, proceder-se-á da mesma forma. Achámos pertinente que os alunos participem de forma mais dinâmica na construção de alguns adereços escolares, daí o facto de serem eles próprios a escrever nas etiquetas.

Em relação aos anexos VI, VII VIII e IX, estes serão preenchidos tendo em conta os aspectos da Natureza de cada estação do ano, com expressões retiradas do texto.

Os alunos irão desenhar, pintar e recortar algumas representações da Natureza, de acordo com a estação do ano que estão a analisar. Tais desenhos irão sendo aplicados no “painel - mundo”.

As fichas (anexo X e XI), serão preenchidas de acordo com as características psicológicas do Vento e do Tempo, pelo que serão preenchidos apenas na penúltima aula.

As fichas (anexo XII e XIII), serão preenchidas por partes, de acordo com a estação do ano em destaque. Como se passava o tempo naqueles reinos, antes de se constatar o desequilíbrio, é o que pretendemos que os alunos coloquem na ficha.

As fichas (anexo XIV, XV, XVI, XVII, XVIII, XIX, XX, XXI e XXII), serão preenchidas no final das leituras relativas à apresentação de cada um dos reinos.

As fichas que aqui apresentamos não passam de meras sugestões, que considerámos pertinente colocar no trabalho. Deste modo pretendemos partilhar ideias e sugestões a ser aplicadas aquando do estudo narrativo. Tais fichas representam duas séries: umas mais académicas e outras mais lúdicas.

O tempo dedicado a cada capítulo dependerá da extensão deste, dos conteúdos que dele se possam retirar, da imaginação e eficácia do professor, da motivação e imaginação dos alunos.

Como apoio da leitura de “Criar Laços” e para melhor assegurar a sua compreensão, elaborámos estas **sugestões de actividades**, que adequámos do Plano Nacional de Leitura:

- Leitura por capítulos.
- Preenchimento de fichas que orientem a compreensão textual (anexo VI, VII, VIII, XIX, X e XI);
- Identificação de personagens principais e secundárias;
- Caracterização física e psicológica das personagens (anexo X e XI);
- Caracterização de locais e ambientes em que decorre a acção (anexo XIII);
- Identificação de momentos -chave na sequência narrativa.
- Identificação, para treino de resumo, das etapas nucleares de cada capítulo.
- Identificação da mensagem ou mensagens veiculada na obra.
- Ilustração das cenas preferidas.
- Ilustração da narrativa.
- Dramatização dos diálogos patentes na história.
- Trabalhos multidisciplinares envolvendo outras áreas:
 - Música - sons da Natureza ;
 - Estudo do Meio - primeiros socorros (anexo XXIII);
 - Matemática - situações problemáticas (anexo XXIV) ;
 - Língua Portuguesa – adjectivos (anexo XXV) / autoavaliação da produção de texto escrito (anexo XXVI);
 - Formação Cívica - amizade;
 - Inglês – Vocabulário...
- Trabalhos de pesquisa centrados em temas sugeridos ao longo do texto (raças, monotonia, persistência, estações do ano...).

Assim sendo, e como exemplo, vamos analisar o primeiro capítulo. Este capítulo pode ser trabalhado do seguinte modo:

ÁREAS	BLOCOS	CONTEÚDOS	OBJECTIVOS	ACTIVIDADES
LÍNGUA PORTUGUESA	<ul style="list-style-type: none"> - Comunicação oral. - Comunicação escrita. - Funcionamento da língua – análise e reflexão 	<ul style="list-style-type: none"> - Desenvolvimento da oralidade. - Leitura expressiva. - Textos criativos. - Regras ortográficas. - Os adjectivos 	<ul style="list-style-type: none"> - Aumentar a capacidade de expressão através de conversas, diálogos, debates... - Desenvolver o nível de expressão da leitura. - Promover a criação de textos livremente tratados. - Praticar a escrita com incidência sobre o aperfeiçoamento do erro ortográfico. - Identificar os adjectivos. - Identificar a personificação. - Identificar palavras onomatopaicas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Tentar adivinhar o conteúdo da história através do seu título: “ Criar Laços”. - Leitura silenciosa, expressiva... - Emprego de palavras do vocabulário activo. - Construir frases sobre os dotes e as frases, onde empreguem adjectivos. (XXV) - Criar um ambiente calmo com música de fundo de modo a que os alunos vejam para lá das palavras e produzam um texto pessoal. - Produção de um texto escrito: “ Sonhar é...”
MATEMÁTICA	<ul style="list-style-type: none"> - Números e operações. 	<ul style="list-style-type: none"> - Números inteiros, decimais e ordinais (até 50^o). - Ordens e classes. - Situações problemáticas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Ler e escrever números. - Ordenar números em sequência crescente e decrescente. - Identificar ordens e classes da milésima ao milhão. - Resolver situações problemáticas que envolvam as quatro operações. 	<ul style="list-style-type: none"> - Prática de escrita de números: inteiros, decimais e ordinais. - Identificação da milésima, centésima e décima, utilizando o metro. - Problemas de aplicação com enunciados e ilustrações relativas ao conto. (XXIV)

ESTUDO DO MEIO	- À Descoberta de Si Mesmo.	- A segurança do seu corpo.	- Conhecer regras de segurança em caso de ciclones (Vento), sismos, exposição ao sol...	- Visionamento de um documentário sobre o tema. - Elaborar cartazes de sensibilização.
EXPRESSÃO PLÁSTICA	- Desenho de expressão livre. - Recorte. - Colagem. - Pintura.	- Cartazes. - Painéis.	- Conduzir os alunos à realização dos cartazes de sensibilização.	- Elaborar cartazes de sensibilização. - Elaborar painéis alusivos ao tema.
EXPRESSÃO MUSICAL	- Jogos de exploração.	- Voz. - Corpo.	- Desenvolvimento auditivo. - Expressão e criação musical.	- Ouvir e reproduzir sons da Natureza (vento, chuva...)
EXPRESSÃO DRAMÁTICA	- Jogos de exploração.	- O corpo. - A voz.	- Propor improvisações.	- Dramatizar elementos da Natureza.
EXPRESSÕES FÍSICO- MOTORA	- Ginástica. - Jogos.	- Posições de flexibilidade.	- Desenvolver a flexibilidade dos membros e do tronco.	- Dramatizar elementos da Natureza.
FORMAÇÃO CÍVICA	- Dimensão ambiental.	- Energias renováveis e não renováveis.	- Identificar fontes de energia renováveis/não renováveis. (Vento) - Deduzir as vantagens da utilização das energias renováveis. - Pesquisar sobre os tipos de energia utilizados em Portugal. - Aplicar, no quotidiano, regras de poupança de energia. - Evitar, no dia-a-dia, o consumo de materiais	- Elaborar trabalhos para apresentar nas aulas.

			produzidos com energias não renováveis.	
ESTUDO ACOMPANHADO	- Dimensão ambiental.	- Energias renováveis e não renováveis.	- Desenvolver a capacidade de pesquisa, selecção e tratamento de informação. - Utilizar as tecnologias da informação.	- Consultar livros, internet... - Utilizar o computador no processamento de texto. - Pesquisa na internet. - Imprimir um trabalho/conteúdo numa impressora. - Digitalizar imagens num scanner.
ÁREA DE PROJECTO	- Dimensão ambiental.	- Aquecimento global.	- Desenvolver a capacidade de pesquisa, selecção e tratamento de informação. - Utilizar as tecnologias da informação.	- Consultar livros, internet... - Utilizar o computador no processamento de texto. - Pesquisa na internet. - Imprimir um trabalho/conteúdo numa impressora. - Digitalizar imagens num scanner.

Os **tipos de fichas** a utilizar nas actividades de leitura orientada podem servir para:

- Interpretar o texto.
- Interpretar do texto e funcionamento da língua.
- Caracterizar as personagens.
- Interpretar o texto e treino de leitura em voz alta.
- Auto corrigir.
- Desenhar e colorir.
- Recolher informação/treino de trabalho de pesquisa.
- Treinar o resumo.
- Treinar o reconto.

- Treinar a composição.
- Registar a observação da capa, da lombada e da contracapa.
- Efectuar palavras – cruzadas.
- Recolher de opiniões.
- Organizar de concursos.
- Trabalhar em grupo.
- Realizar trabalhos interdisciplinares.
- Preparar encontros com escritores e ilustradores.

As perguntas, segundo Alliendre e Conde Marin (1984) apresentam-nos uma classificação que mede a compreensão leitora e que, em simultâneo, promovem.

1. Perguntas de compreensão literal:

- Reconhecimento: localiza e identifica elementos do texto.
- Lembrança: reproduz pormenores – nomes de personagens, suas características, tempo e lugar, acções e acontecimentos, sua sequência, relação de causa e efeito...

2. Perguntas de antecipação ou de predição:

- Prediz as consequências de uma acção ou acontecimento.
- Prediz o comportamento de uma personagem.
- Prediz o final de um conto.

3. Perguntas de compreensão inferencial (que não estão no texto):

- Faz inferência de factos.
- Faz inferência acerca de ideias.
- Faz inferência de acontecimentos.
- Faz inferência de causa/efeito.
- Faz inferência de características das personagens.

4. Perguntas de reorganização:

- Classifica.

- Resume.

5. Perguntas de leitura crítica:

- Faz juízos de valor sobre temas.
- Faz juízos de valor sobre ideias presentes no texto.
- Faz juízos de valor sobre ideias sugeridas por acções.
- Faz juízos de valor sobre ideias sugeridas por comportamentos das personagens.

...

6. Perguntas de apreciação:

- Responde revelando compreensão metacognitiva, emocional e estética.

7. Perguntas de escolha múltipla.

Todo este género de perguntas podem ser aplicadas ao explorarmos “Criar Laços”

Muita riqueza se pode extrair de um trecho de um conto. É só preciso saber encontrar, no meio de letras, de palavras e de frases, os tesouros escondidos, porque ensinar é também imaginar.

Por falar em imaginar, achámos pertinente “pescar” o imaginário infantil que, a nosso ver, anda mediatizado...

Um conto sem imagens terá o mesmo protagonismo, para a criança, que um conto com imagens? Ela, que está habituada a consumir imagens “pré cozinhadas”, saberá ela própria utilizar condimentos puros para a construção do seu próprio prato?

Nesta consequência, é nossa intenção transformarmos os nossos alunos em leitores ilustradores, capazes de consolidar em imagens o que lêem nas palavras. Com este conto pretendemos seleccionar desenhos para ilustração do conto “Criar

Laços”. A capa é já um começo desta ideia, tendo sido desenhada por uma criança de sete anos. (anexo)

Não queremos com isto marginalizar a TV... Queremos sim, neste caso, que as crianças percorram um caminho inverso: texto / imagem e não imagem / texto, facto a que estão mais habituadas.

A televisão é importante se transmitir qualidade e não quantidade. Quando nos referimos a qualidade, apontamos programas culturalmente ricos, desenhos animados com enredos construtivos e engraçados, filmes que mergulhem nas ondas do sonho e que emocionam, porque emocionar faz parte da vida. Até as notícias são importantes para que as crianças estejam a par da actualidade e da realidade da vida. Ser criança é sonhar, mas também é conhecer o mundo que as rodeia. Os inúmeros programas infantis, isentos de conteúdo, têm de ser postos de lado. Esta selecção deve ser feita pelos pais, intervenientes principais na educação dos filhos.

É necessário que o filho(a) pratique uma alimentação equilibrada, tanto física com mentalmente. O mesmo se passa em termos dos livros, que se devem adequar tanto às idades, como à maturidade, como aos anseios, como aos gostos, como às preocupações...

4. A LEITURA E A SUA APRENDIZAGEM EM “CRIAR LAÇOS”

“ – [...] Que significa “cativar”?”

- É uma coisa de que toda a gente se esquece, disse a raposa. Significa “criar laços...”

- Criar laços?

- Isso mesmo, disse a raposa. Para mim, não passas, por enquanto, de um rapazinho em tudo igual a cem mil rapazinhos. E eu não preciso de to. E tu não precisas de mim. Para ti, não passo de uma raposa igual a cem mil raposas. Mas, se me cativares, precisamos um do outro. Serás para mim único no mundo. Serei única no mundo para ti...” (Antoine de Saint-Exupéry, in “ O Príncipezinho”)

“Como é fácil lidar com os pequenos...Eles aceitam incondicionalmente as ofertas sinceras, deixam-se cativar sem medo por tudo aquilo de que possam auferir prazer, e nos contagiam com o gosto com o qual se envolvem nas tarefas propostas. E são reconhecidos.” (Chiavini, 1994:473)

“Cativar a criança para o processo ensino/aprendizagem é um desejo de todo o professor. Por isso o ensino deve ser partilha, jogo, bem-estar, uma mão cheia de conhecimentos, que se distribui como rebuçados.” (Ivone Gama)

Partindo do conto “Criar Laços” pretendemos, como já dissemos, desencadear a compreensão leitora, nos seus mais vastos domínios.

“ [...] implica iniciar outra série de raciocínios para controlar o progresso dessa interpretação, de tal forma que possam ser detectadas as possíveis incompreensões produzidas durante a leitura”. Teresa Colomer, artigo extraído da revista Signos(1997), 20,p.6-15

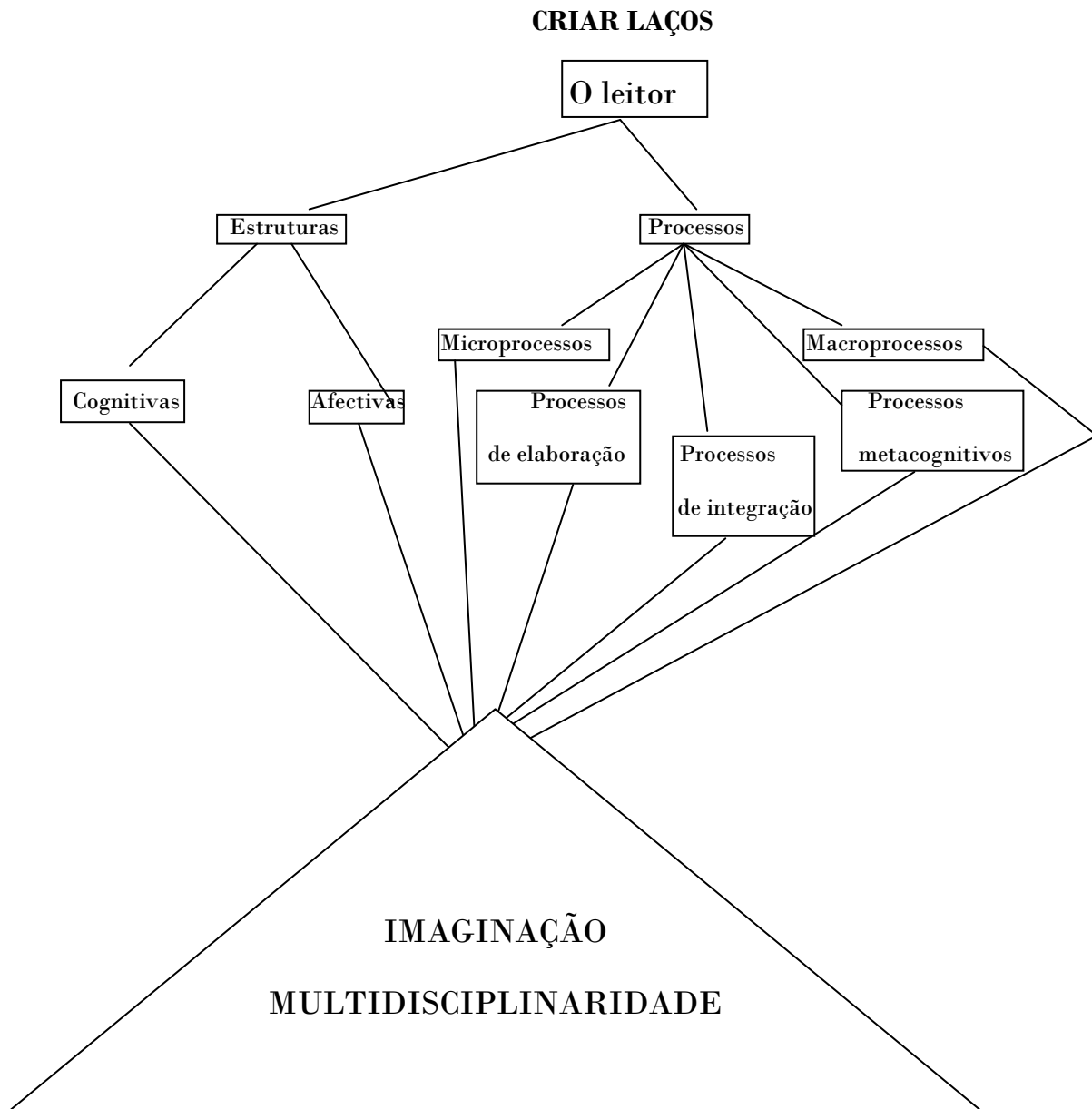
Efectivamente, a leitura não pode ser entendida como uma aprendizagem restrita, relacionada com as primeiras etapas da escolaridade. Ler não se centra apenas na descodificação, propriamente dita. As crianças, quando chegam à escola, já têm conhecimentos acerca desta matéria, devido à presença social da escrita: contactam com grafias diferentes, globalizam palavras, folheiam livros e sabem que destes constam realidades diferentes... A leitura faz parte do crescimento e da maturação.

O acto de ler abarca estruturas e processos:

- Estruturas Cognitivas, que se referem aos conhecimentos sobre a língua (fonológicos, sintácticos, semânticos e pragmáticos) e aos conhecimentos sobre o mundo.
- Estruturas Afectivas, que se referem à atitude do leitor perante a leitura e aos seus interesses concretos.
- Microprocessos, que estão intimamente ligados ao reconhecimento das palavras.
- Processos de integração, que estão relacionados com as frases e seu encadeamento.
- Macroprocessos, que se relacionam com a compreensão global do texto e o seu todo coerente.
- Processos de elaboração que transportam o leitor para além do texto, estando relacionados com a construção de imagens mentais, raciocínio crítico e adequação da informação com os conhecimentos do leitor.

- Processos metacognitivos que estão intimamente ligados à adaptação do texto à situação de leitura, controlando a compreensão obtida.

O esquema que de seguida apresentamos consolida a nossa aspiração relativamente ao conto em estudo:



5. PLANIFICAÇÃO

Já falámos da imaginação. Mas como poder defini-la? Para nós, imaginar é falar com o amigo imaginário; é inventar cantigas; é inventar desculpas sem malícia; é construir um castelo na areia; é brincar aos heróis preferidos; é ver para lá das letras.

Na Didáctica da Língua Portuguesa incluímos este último ponto, que abarca a leitura, a metacognição, o funcionamento da língua, o enriquecimento vocabular e cultural, enfim, toda a imensidão que este “mar” possa abarcar. Foi assim que partimos para o reino da narrativa, em busca de aventuras...

A narrativa retratada a médio prazo pode tornar-se numa aventura inesquecível, tanto para o aluno como para o professor.

Para que seja possível usufruir desta riqueza, aqui deixamos sugestões, que ligam a narrativa ao funcionamento da língua, e que fomos rebuscar, na nossa gaveta académica...

COMPETÊNCIAS GERAIS	COMPETÊNCIAS ESPECÍFICAS	CONTEÚDOS	AVALIAÇÃO
1. Analisar texto narrativo.	1.1. Reconhece um texto narrativo. 1.2. Identifica narrador. 1.3. Identifica autor. 1.4. Distingue narrador de autor. 1.5. Identifica personagens. 1.6. Identifica acções das personagens. 1.7. Identifica formas verbais. 1.8. Relaciona acções das personagens.	Noção de texto narrativo. Narrador. Autor. Personagens. Acções. Flexão verbal. Localização no espaço.	Observação Formativa oral. Formativa escrita.

<p>1. Analisar texto narrativo.</p>	<p>1.9. Reconhece sentimentos e atitudes das personagens. 1.10. Fundamenta comportamentos das personagens. 1.11. Distingue o essencial do acessório. 1.12. Localiza a acção no espaço. 1.13. Localiza a acção no tempo. 1.14. Dá sinónimos de palavras e expressões. 1.15. Identifica área vocabular. 1.16. Dá exemplos de áreas vocabulares.</p>	<p>Localização no tempo. Enriquecimento do leque vocabular.</p> <p>Sinónimos/Antónimos</p> <p>Identifica nomes.</p> <p>Área vocabular.</p>	<p>Observação Formativa oral. Formativa escrita.</p>
<p>2. Perceber as personagens relativamente ao relevo.</p>	<p>2.1. Identifica personagem principal. 2.2. Identifica personagem secundária. 2.3. Identifica personagem figurante. 2.4. Distingue personagem principal, de secundária, de figurante. 2.5. Identifica nomes. 2.6. Identifica palavras da mesma família.</p>	<p>Personagem quanto ao relevo:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Principal. • Secundária. • Figurante. <p>Nomes próprios, comuns e colectivos. Família de palavras.</p>	<p>Observação. Formativa oral. Formativa escrita.</p>

	2.7. Dá exemplos de família de palavras.		
3. Perceber a diferença entre narrador participante e narrador não participante.	3.1. Identifica narrador participante. 3.2. Identifica narrador não participante. 3.3. Distingue narrador participante de narrador não participante.	Narrador: <ul style="list-style-type: none"> • Participante. • Não participante. 	Observação Formativa oral. Formativa escrita.
4. Perceber a caracterização física e psicológica das personagens.	4.1. Identifica traço físico. 4.2. Identifica traço psicológico. 4.3. Diferencia traços físicos de traços psicológicos. 4.4. Caracteriza física e psicologicamente personagens. 4.5. Identifica personificação. 4.6. Identifica adjectivos.	Caracterização física e psicológica das personagens. Recursos estilísticos. Classe dos adjectivos.	Formativa oral. Formativa escrita. Observação
5. Compreender a estrutura da narrativa	5.1. Identifica os constituintes da narrativa fechada:	Estrutura da narrativa: <ul style="list-style-type: none"> • Introdução. • Desenvolvimento. • Conclusão. 	Observação Formativa oral. Formativa escrita.

<p>5. Compreendera estrutura da narrativa</p>	<p>Introdução. Desenvolvimento Conclusão.</p> <p>5.2. Identifica os constituintes da narrativa aberta: - Introdução. - Desenvolvimento.</p> <p>5.3. Identifica narrativas abertas e fechadas.</p> <p>5.4. Identifica o tipo e a forma das frases.</p>	<p>Narrativa fechada.</p> <p>Narrativa aberta</p> <p>Tipo e forma das frases.</p>	<p>Observação Formativa oral. Formativa escrita.</p>
<p>6. Reconhecer elementos do real e do fantástico.</p>	<p>6.1. Identifica elementos do real. 6.2. Identifica elementos do fantástico. 6.3. Distingue elementos do real de elementos fantásticos. 6.4. Classifica palavras quanto ao número de sílabas e quanto à acentuação.</p>	<p>Elementos do real e do fantástico.</p> <p>Classificação das palavras quanto ao nº de sílabas.</p> <p>Classificação das palavras quanto à sílaba tónica.</p>	<p>Observação Formativa oral. Formativa escrita.</p>
<p>7. Saber ler expressiva e</p>	<p>7.1. Pronuncia claramente e sem erros. 7.2. Respeita os sinais de pontuação.</p>	<p>Leitura</p>	<p>Observação Formativa oral. Formativa escrita.</p>

CONCLUSÃO

Estando a Língua Materna presente em todas as áreas disciplinares é da cimentação desta que devemos partir.

Como se interpretam situações problemáticas? Como se assimila um conteúdo de Estudo do Meio? Como se entende um enunciado escrito, qualquer que seja, em situação académica ou fora dela? É, sem dúvida, dominando a Língua Materna.

Neste sentido, o primeiro passo estará ligado ao gosto, pois é esta a sensibilização e motivação para o sucesso.

Cultivar o gosto pela Língua Portuguesa não é mais do que saber ser português e amar a nossa cultura envolvente. A Língua Portuguesa é o que fomos, o que somos e o que seremos.

É através da nossa língua materna que temos acesso aos outros, a vivências diferentes, tão ricas como as nossas. Neste sentido não podemos deixar de citar a já tão célebre frase de Wittgenstein, frase que outros foram citando ao longo dos tempos: “Os limites da linguagem significam os limites os limites do mundo; os limites da minha linguagem significam os limites do meu mundo.”

Mas como incentivar este gosto a crianças do 1º ciclo?

Uma das possíveis maneiras, talvez possa estar no conto, polvilhado com fantástico, imaginário, valores e sonho infantil, com sabor moralizante, recheado de conteúdos diversos e servido por fadas!

Assim sendo o trabalho apresentado constitui uma proposta de análise de narrativas, encarnada no conto “Criar Laços”.

Muitas vezes deparamo-nos com manuais escolares pobres em textos, uma vez que não estabelecem um elo de ligação entre as várias áreas curriculares, nem vão ao encontro das crianças oriundas de meios sócio-culturais tão diferentes, nesta zona do interior de Portugal.

Com esta história, criada a partir do pressuposto que se enquadra no gosto e necessidade dos nossos alunos, como professores activos, pretendemos lançar propostas para o estudo da narrativa, em geral, e do conto “Criar Laços”, em particular.

A narrativa supracitada pode ser definida como um **Conto**, devido à sua brevidade e à sua estrutura: estado inicial de equilíbrio, instauração de um desequilíbrio, ocorrência de várias acções para o restabelecimento desse equilíbrio, estado final no qual o equilíbrio é recuperado.

Sendo um conto pode ser classificado como **Fantástico, Maravilhoso e Imaginário**

Fantástico, visto que há uma aproximação entre o mundo sobrenatural e o mundo real, sendo este criticado através da fantasia.

Maravilhoso, uma vez que a narrativa em causa ocorre fora do nosso entendimento espaço-temporal (num mundo de fadas) e não se rege pelas leis naturais; em “Criar Laços” criticam-se valores, ainda que indirectamente, uma vez que só através da união (das fadas) se poderá mudar o mundo.

Imaginário, porque através desta característica damos a conhecer à criança o científico (raças, frutos da época, os cinco sentidos...) e o polifónico numa sucessão mista de cores e sensações.

Este conto pode ainda ser considerado impulsionador da **Imaginação**: os nossos alunos quando ilustram o conto, quando descrevem as personagens, quando simpatizam mais com esta ou aquela personagem, ou até mesmo, quando passam a ouvir o Vento de uma outra forma, estão a viver o conto. E viver um conto é voar com as letras, com as palavras, com as frases...

“Criar Laços” pode inserir-se num **Conto de Fadas**, porque neste conto está patente a condição humana, frente às provações da vida, e a criança divide o bem do mal para encontrar o equilíbrio: o mal é a conformidade e o bem a persistência.

A desmotivação pelas aulas e pelo estudo, cada vez mais frequente nos alunos, pode ser encarnada na Monotonia e a persistência do Vento, da qual resultou o retomar do equilíbrio, é nada mais nada menos que uma lição de vida...

Fundamentado nestes aspectos teóricos nasceu este conto cuja exploração, planificações e fichas elaborámos, podendo ser utilizadas como modelos, em outras narrativas.

Tivemos em conta, como já anteriormente foi referido, algumas propostas que poderão ser levadas a cabo para além da Língua Portuguesa.

O Professor do 1º ciclo tem necessidade de transformar uma aula num todo e, conseqüentemente, uma disciplina deve ser enriquecida noutra e assim sucessivamente.

Este nível de ensino é um elo de saberes que se vai complementando das e nas outras áreas disciplinares, pois cada disciplina não é estanque, faz parte das outras e nelas se enriquece.

Os nossos alunos necessitam, frequentemente, deste tipo de ensino para melhor abrangerem o significado dos temas abordados.

Partindo da Língua Portuguesa podemos abordar, de forma quase lúdica, as outras disciplinas, numa perspectiva quer transdisciplinar quer multidisciplinar.

O termo lúdico deriva de Ludus, indulere, que, etimologicamente, designa jogo, ilusão.

Não sendo a criança um adulto em miniatura, precisa de alegria e divertimento. Não atender a essas tendências é violar a sua evolução normal. Desde sempre o jogo, o lúdico, pertenceu ao Universo Criativo do Homem, ora com carácter de sobrevivência, ora com carácter de prazer.

Através da **fantasia**, do **maravilhoso** e do **sonho**, a criança vai, sem sombra de dúvida, crescendo harmoniosamente.

É sonho? Mas...

Das mãos de Deus

Ao criar,

O que saiu perfeito

Foi o direito

De sonhar...

(M^a da Conceição Bacelar)

Ouvindo contos: “era uma vez”, a criança vai estruturando o seu discurso na mente. Caso paremos por aqui a criança pergunta de imediato: “ – E a seguir? “

Ela já sabe que a narrativa prossegue, que há um desenvolvimento da acção. Quantas vezes deixámos a narrativa em aberto, para que ela lhe atribua um final? Os textos, sejam eles no âmbito do discurso oral ou escrito, apresentam, na sua estrutura, às vezes de forma mais ou menos subtil, esta sequência que Denhière (2002) utilizou para a gramática da narrativa.

Para além dos patrimónios valiosos relacionados com a amizade, tolerância, diálogo, cooperação, vontade de ajudar os outros, tenacidade, partilha, o aluno vai desenvolvendo os seus procedimentos cognitivos, a criar o seu mundo e a entrar no mundo das demais, ou seja, socializar-se.

Terminamos com a certeza de que cabe ao professor sensibilizar e motivar para a importância dos valores universais e, em simultâneo, favorecer o desenvolvimento de programas educativos, baseados em valores como o diálogo, a paz, a tenacidade e sempre, sempre a liberdade.

BIBLIOGRAFIA

ADAM (1997), *Les Textes: Types et Prototypes (récit, description, argumentation, explication et dialogue)*, Paris: Nathan Université.

AZEVEDO (2006), *Educar para a Literacia: Para uma Visão Global e Integradora da Língua Materna. Língua Materna e Literatura Infantil. Elementos Nucleares para Professores do Ensino Básico*, coord. Fernando Azevedo, Lidel.

BAMBERGER (1991), *Como Incentivar o Hábito de Leitura*, 5ª ed., São Paulo, Ática.

BARETO (1998), *A Importância do Brincar no Desenvolvimento Psicomotor*, ICPG, vol. 2.

BETTELHEIM (2006), *Psicanálise dos Contos de Fadas*, Breton.

BRENELLI (1998), *O Jogo como Espaço para Pensar*, 5ª ed., Campinas, São Paulo: Papirus.

CERVERA (1991), *Teoria de la Literatura Infantil*, Bilbao, Ediciones Mensajero.

COELHO (1984), *Panorama Histórico da Literatura Infantil e Juvenil*, São Paulo: Editora Ática.

KISKIMOTO (1991), *Jogo, Brinquedo e a Educação*, São Paulo: Cortez.

OLIVEIRA (2005), *A Importância do Maravilhoso na Literatura Infantil*, 23/03/2008 in <http://www.graudez.com.br/litinf/marav.htm>

OLIVEIRA (2006), *Estudos das Diversas Modalidades e Textos Infantis*, São Paulo.

PROPP (1983), *Morfologia do Conto*, Lisboa: Veja.

SARDINHA (2005), *As Estruturas Linguísticas, Cognitivas e Culturais e a Compreensão Leitora*. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade da Beira Interior, Covilhã.

SARDINHA (2007), *A Leitura Hoje e Ontem. Formar Leitores*, coord. Fernando Azevedo, Lidel.

SARDINHA (2008), *A Leitura na Escola: A Escola em Leitura*, conferência de abertura no Seminário “Transversalidade da Língua Portuguesa: representações, instrumentos e práticas, LEIP, Aveiro (no prelo).

SILVA (2005), *Dez reis de gente... e de Livros, Notas sobre Literatura Infantil*, Lisboa: Caminho.

SILVA (2007), *Do Texto à Leitura, Metodologia de Abordagem Textual*, Porto: Porto Editora.

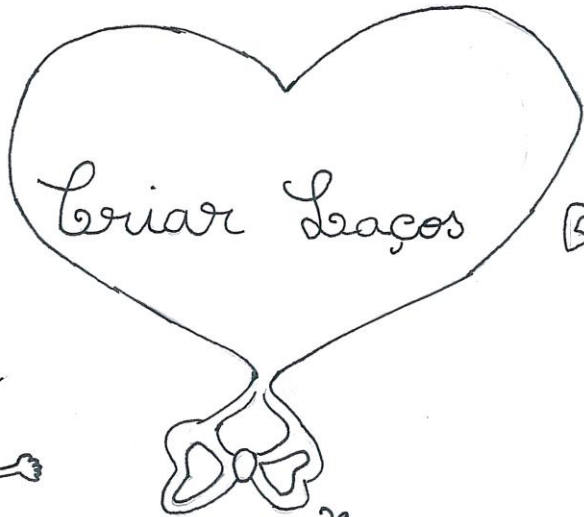
TODOROV (1992), *Introduction á la Littérature Fantastique*, Paris, Editions Seuil.

VAZ (1972), *L'Art et la Littérature Fantastiques, que sois-je?*, Paris: Presse Universitaires de France (tr. pt. por João da Costa, *A Arte e a Literatura Fantástica*, Lisboa, Editorial Arcádia, p.8.

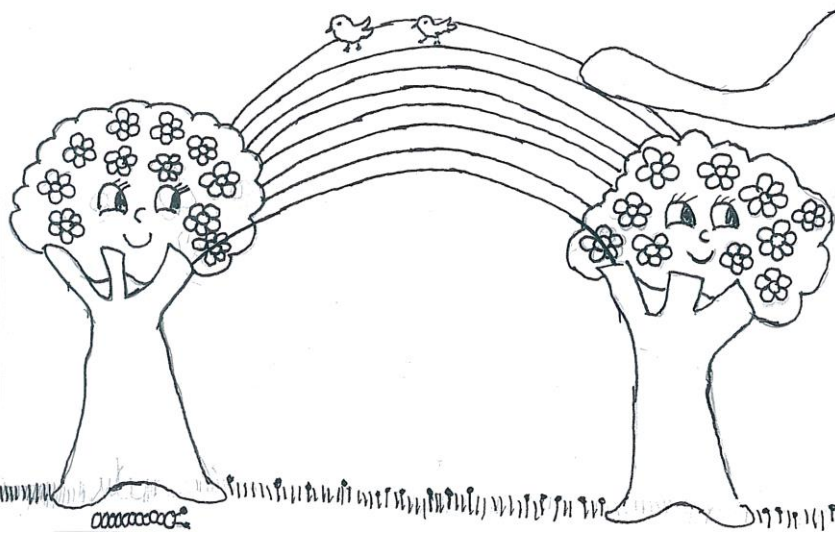
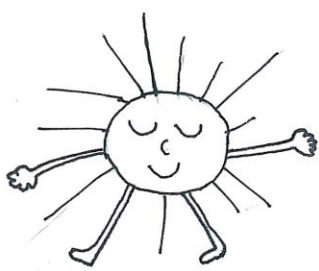
ZAMBONI (1984), Os Contos de Fadas no Psicodrama, Revista *FEBRAP*, vol. 7, p. 161-7.

ANEXOS

Anexo I



Criar Laços



CRIAR LAÇOS



I

A história que vos vou contar passou-se quando a Terra era apenas habitada por fadas e dotes*. Os animais, o Vento, o Tempo, a chuva, as flores, enfim, toda a Natureza, tinham capacidade de pensar, falar, ouvir, sentir... Bom, ainda hoje têm estas capacidades, mas a maioria dos humanos anda muito ocupada para se aperceber disso!

Foi o meu amigo Vento que me contou esta história que explica por que motivo as estações do ano se sucedem umas às outras. Isto é: por que chega a

Primavera, depois o Verão, a seguir o Outono e finalmente o Inverno. Sim, o Vento é meu amigo porque eu ainda não perdi a capacidade de sonhar! E tu?

* Dote – s.m. (masculino de fada). Este ser é igualzinho à fada, tirando, é claro, todas as características de masculinidade. Ah!... Este significado só está no meu Dicionário de Fantasia, por isso escusam de procurar no vosso... Fadas sem dotes?! Que seria do Amor?

II

Há muito, muito tempo, existiam quatro reinos na Terra, cada qual governado por sua fada rainha. o Reino da Primavera, o Reino do Verão, o Reino do Outono e o Reino do Inverno. Estes reinos eram habitados por fadas e dotes...

O Reino da Primavera era governado pela Fada Floriana. Esta apresentava uma pele avermelhada, olhos grandes de cor verde-alface, cabelos de flores. Vestia-se com tons esverdeados, tinha uma coroa de folhas verdes na cabeça. As suas asas transparentes espalhavam perfumes de flores e pólen. Possuía uma varinha de condão, como qualquer fada comum, mas com formato de borboleta!

Neste reino havia erva fresca, árvores floridas, flores de beleza invulgar, insectos, passarinhos de diversas cores, morangos, cerejas...

De manhã bem cedo e ao anoitecer, soprava um vento fresco e malandresco que convidava a mais umas horas de cama! Este Vento era muito sábio e trazia notícias de todos os locais da Terra. Era uma espécie de jornalista.

O Tempo trazia sempre uma camisola de manga curta por baixo de outra de manga comprida, assim tirava a de cima quando tinha calor... Por vezes caía uma chuva miudinha, mas como havia mais dias de sol do que de chuva, o Tempo não apanhava grandes molhas.

Todos os habitantes deste reino eram risonhos, alegres e faladores. Gostavam de escorregar no Arco-íris, que volta e meia, “pintava” o céu. Faziam concursos para adivinharem, através do olfacto, nomes de flores.

As flores e as andorinhas eram grandes amigas, talvez porque o branco e o preto casasse muito bem com o colorido... Não sei!

O Reino do Verão tinha como rainha a Fada Brisa-Mar. As roupas desta fada apresentavam um tom azul-marinho e utilizava uma varinha de condão com forma de golfinho. A sua pele amarelada e os seus cabelos longos de algas, transmitiam calor e paz. Usava uma coroa feita de búzios. As suas asas transparentes cheiravam a maresia e a sargaço. O vento era recebido sempre com muita animação. Preparava-se um espectáculo que se realizava à beira-mar: os polvos tocavam, os caranguejos apresentavam danças de flamengo, a baleia azul cantava fado, as tartarugas dedicavam-se ao hip-hop...

Os habitantes deste reino gostavam muito de se sentar à beira-mar para falar com a maresia e com as sereias, que sabiam coisas magníficas acerca dos céus, das profundezas dos oceanos e dos outros três reinos. Mas era o vento, sem dúvida, o melhor contador de histórias: falava, com grande conhecimento, dos outros reinos, de outros hábitos e costumes...

O Tempo andava sempre de boné, óculos de sol, calções e t-shirt. Apresentava sempre um bronzeado invejável!

O Reino do Verão era rico em ameixas, melancias, melões, espigas, cigarras, grilos... O calor era intenso e, por isso, os campos eram amarelados, fazendo lembrar ouro, muito ouro. Os passaritos novos enchiam o reino de chilreios marotos e alegres. As árvores estavam gordas, carregadinhas de frutos saborosos e sumarentos. Falavam de forma pachorrenta porque estavam “moles” do calor... Nem tinham força para ralar com as aves que iam debicar os seus frutos!

III

A Fada Magustina era a rainha do Reino do Outono. Esta fada vestia-se de mil tons, apesar de não ser vaidosa! Tinha cabelos de folhas, pele escura e uns olhos pretos que, pela forma alongada, faziam lembrar duas folhas de louro! Usava uma coroa feita de castanhas e uma varinha de condão com forma de esquilo. As suas asas transparentes espalhavam por todo o reino o cheiro a terra molhada.

O passatempo preferido por todos era pisar as folhas que atapetavam, isto é, que cobriam, todo o solo do reino.

Às vezes faziam-se grandes concertos com os “crac-crac” das folhas: cada músico tinha as suas folhas que funcionavam como um instrumento musical. Folhas diferentes traduziam-se em sons diferentes...Era mesmo agradável de ouvir, podem crer!

Neste reino havia castanhas, uvas, azeitonas, amêndoas, romãs... As árvores eram esplêndidas bailarinas: dançavam ballet, com as suas saias de folhas amareladas, acastanhadas, avermelhadas... O Vento era o responsável pelos cenários: enfeitava o palco com adereços relativos aos outros reinos: flores, búzios, flocos de neve...

O Tempo trajava sempre um casaquito e transportava um chapéu-de-chuva, pois os dias eram frescos e incertos.

Havia uma festa muito famosa neste reino: acendia-se uma fogueira com caruma, colocavam-se para lá castanhas, todos sentavam-se à volta da fogueira, enfarruscavam-se e... toca a comer castanhas assadas, quentinhas! Sabes o nome desta festa? É isso mesmo: magusto!

IV

A Fada Nevadisca era a rainha do Reino do Inverno. As suas roupas eram escuras, a sua pele branca e os seus cabelos pretos encaracolavam como flocos de

neve. Utilizava uma varinha de condão com forma de urso polar e na cabeça tinha uma coroa de raios. Os olhos de Nevadisca eram azuis e grandes, funcionando como faróis no meio de uma tempestade de neve! As suas asas transparentes exalavam odor a pinhal.

Neste reino as temperaturas eram muito baixas mas, como toda a gente sabe, as fadas e os dotes nunca têm frio nem calor. Muitos animais hibernam e os que se avistavam era de fugida, ao saírem da sua toca em procura de alimento. As árvores estavam despidas de folhas, mas vestidas de neve, como se fossem noivas! Até se fazia passagem de modelos: as árvores desfilavam, divertidas e cheias de encanto, enquanto que o Vento cantava, ou melhor, assobiava, melodias que ele próprio compunha: melodias quentes como o sol, melodias que lembravam chilreios de passaritos marotos, melodias que pareciam o estalar de castanhas...

O Tempo não dispensava uma camisola de gola alta, umas calças quentinhas, um casacão, umas botas, um gorro, um cachecol e umas luvas. Tinha sempre o nariz vermelho e parecia deitar fumo pela boca!

As fadas e os dotes deste reino adoravam patinar, andar de trenó, atirar bolas de neve uns aos outros... Este reino também era habitado por bonecos de neve, gorduchos e simpáticos, sempre prontos a ajudar. Lembro-me, como se fosse hoje, de uma aventura com o boneco de neve mais traquinas... Bem, isso ficará para uma próxima história.

O Vento era um famoso tenor (cantor de ópera). Cantava, ou melhor, uivava como ninguém! Todos os sábados, os habitantes deste reino se reuniam num anfiteatro feito de gelo para assistir ao tão ansiado espectáculo, que era acompanhado por raios e trovões!

Estes quatro reinos eram maravilhosos. Neles havia paz, alegria, amizade, gargalhadas. Até que um dia...

Até que um dia uma doença infectou os habitantes dos quatro reinos: a Monotonia. Todos se fartaram das paisagens, que eram sempre as mesmas; dos espectáculos, que eram sempre os mesmos; da comida, que tinha sempre o mesmo sabor; dos cheiros, que não traziam novidades... Todos suspiravam, desesperavam, bocejavam, sonhavam.

No Reino da Primavera sonhava-se com o mar, com as folhas de mil tons, com flocos de neve...

- Sabes, estou tão farta desta paisagem que me rodeia! - dizia a Tulipa Coradinha para a Borboleta Azul.

- Tens razão. Novidades nunca há, é tudo sempre igual... Estou até cansada de mim e de ti...

- De mim?! Mau maria...Andas mesmo de mau humor...

- Ora, tu é que começaste com os teus queixumes. Disseste que estavas farta da paisagem e tu fazes parte dela, não é?

- Sim...Bem... Realmente estou farta de tudo e de todos, o que quer dizer que estou farta de ti!

- Não estou a gostar desse teu tom de voz...

- Vocês as duas, suas gralhas, não se importam de estar caladas. Nós queremos dormir! – disseram umas folhas verdinhas com cara de pouco amigos.

- Realmente o melhor a fazer é dormir. Também vou dormir, sonhar com o mar, com a neve... - exclamou a Borboleta Azul.

- Ai, ai... - suspirou a Tulipa Corada, continuando. – Com conchas, areia, folhas de todas as cores...

- Sim... Folhas de todas as cores...Quem nos dera! Estamos fartas da nossa roupa sempre verdes, verdinhas, verdocas...- exclamaram as Folhas Verdes.

E adormeceram ao som das ondas que ondulavam nos seus sonhos.

O Reino do Verão sonhava com árvores floridas, com tapetes de folhas, com bonecos de neve...

- Tu não estás farto desta praia, deste mar, deste sol? – perguntou um caranguejo a outro.

- Se estou! Deve ser bom ouvir a chuva a cair com força, o vento a soprar furioso...

- Sim! Assim poderíamos brincar às escondidas com o vento, debaixo das conchas e da areia.

- Pois é! Além disso teríamos mais sossego aqui na praia. Com este calor todo há sempre tanta gente por aqui.

Conversaram um pouco mais, até que adormeceram, sonhando com locais descritos pelo Vento.

O Reino do Outono sonhava com as árvores vestidas de branco, com árvores floridas, com árvores carregadinhas de frutos suculentos...

- Ó mana, estás bem? – perguntou uma oliveira a outra.

- Estava cá a pensar como deveria ser divertido termos aqui aqueles parentes de que o Vento costuma falar...

- Os nossos familiares floridos e dos frutos sumarentos?

- Esses mesmos. Era bom contactarmos com outras culturas e outras tradições.

- Eu cá adorava vestir-me de branco...

E ficaram a falar até que, sonhadoras, adormeceram.

O Reino do Inverno sonhava com borboletas, com banhos de sol, com magustos...

- Estar tanto tempo na toca dá-me cabo dos nervos. – supirou um pai coelho, depois de ter apanhado uma amostra de erva para o jantar.

- Concordo contigo. Adoraria poder pular num campo verde... – disse a mãe coelha.

- E ficar de barriguinha cheia! - acrescentaram os filhotes. Deveria ser tão bom andar no meio das cenouras, das alfaces, das touves...

- Couves! – corrigiu o pai.

E a conversa prolongou-se até à hora do deitar. Deitaram-se e sonharam com os outros reinos, com as descrições fantásticas que o Vento sempre fizera...

Todos iam bocejando, adormecendo, sonhando...

A doença ia-se agravando, sem que nada nem ninguém descobrisse uma cura eficaz. A verdade é que ninguém se dava ao trabalho de tentar descobrir essa cura. Até os mais sábios dos reinos tinham desistido de pensar e apenas abriam a boca para bocejar, quando não estavam a dormir, é claro! Onde é que tal se tinha visto? Desistir, como toda a gente sabe, é próprio dos fracos e não dos sábios! O pior é que cada vez se dormia mais e mais... Até as fadas não resistiam àquela soneira geral!

VI

O Tempo não entendia tal descontentamento e soneira geral. Ele continuava bem-disposto e alegre: umas vezes com calor, outras com frio; umas vezes com óculos de sol, outras vezes com cachecol e gorro; umas vezes comia gelados, outras vezes bebia cacau quente. À sua volta só via gente pachorrenta, só ouvia queixumes, bocejos, suspiros...

- Que se passará aqui? – pensava ele intrigado.

O Vento também não tinha razão de queixa, continuando saudável e cheio de genica!

- Parece que esta estranha doença, por alguma razão que ainda desconheço, não afectou nem a mim nem ao meu amigo Tempo. É muito estranho!... – comentou pensativo, deitando pequenos sopros pelas orelhas.

Ora o Vento, que era inteligente, observador, trabalhador e, sobretudo, persistente, decidiu consultar livros, navegar na net, levantar hipóteses, estudar, insistir, estudar, insistir... Depois de tanto trabalho e persistência o Vento foi recompensado, encontrando a solução para o problema. Mas como os problemas dos reinos só podiam ser resolvidos pelas respectivas fadas ele... Correu até à casa do Tempo e contou-lhe a sua descoberta e a sua ideia.

- Achas mesmo que isso vai resultar? – perguntou-lhe o amigo desconfiado.

- Claro que sim! É tão certo como eu me chamar Vento.

- Bem, se tu o dizes... Ao trabalho!

Partiram os dois bastante nervosos e velozes, ansiando que tudo corresse às mil maravilhas.

Vejamos então o que se passou a seguir...

VII

No Reino da Primavera o Vento assobiou e disse:

- É preciso criar laços!

No Reino do Verão murmurou em brisa:

- É preciso criar laços!

No Reino do Outono varreu folhas e exclamou.

- É preciso criar laços!

No Reino do Inverno soprou violentamente e depois uivou:

- É preciso criar laços!

O Tempo apareceu vestido com roupas de Inverno nos Reinos da Primavera e do Verão; apareceu vestido com roupas frescas nos Reinos do Outono e do Inverno. Escusado será dizer que apanhou uma valente constipação!

Estas atitudes todas faziam parte do plano, apesar de parecer um autêntica estupidez!

Os habitantes dos reinos julgaram que o Tempo e o Vento tinham enlouquecido:

- Aqueles andam mesmo esquisitos! Estarão a delirar, cheios de febre? – comentavam uns.

- Ou será que foram embruxados? – perguntavam outros.

- Cá para mim foram envenenados e brevemente vão morrer! – disse o mocho, pessimista como sempre.

Os moradores dos quatro reinos começaram a ter menos sono devido não só à preocupação como também ao ridículo da situação: o Vento por todo o lado a dizer “ É preciso criar laços!” e o Tempo vestido em desacordo com as temperaturas, podem crer que era cómico. Alguns já sorriam, outros riam, outros pensavam... Os rostos pálidos passaram a estar mais rosados.

Para tudo isto ficar ainda mais estranho, o Vento começou a espalhar folhas de todas as cores na neve, castanhas na areia da praia; deitou neve para cima das flores e búzios para cima das folhas secas do Outono.

A verdade é que com todas estas parvoíces, que de parvoíces não tinham nada, todos começaram a melhorar

VIII

A Fada Floriana resolveu convidar as outras três fadas. Alguma coisa lhe dizia que o Vento e o Tempo queriam passar uma importante mensagem. Talvez juntas desvendassem este mistério.

As fadas Brisa-Mar, Magustina e Nevadisca, mal entraram naquele reino, entenderam tudo.

- Oh! Que felicidade! – exclamou Nevadisca.

- Que cheirinhos tão bons! – disse Magustina.

- Que árvores tão magníficas! – comentou Brisa-Mar.

Voavam alegres, em ziguezague, rindo e cantando.

Vendo a cara espantada de Floriana pediram -lhe que as acompanhasse aos outros reinos, a fim de também ela compreender a solução daquele enigma.

- Vem connosco. Anda daí e entenderás o que os nossos amigos Vento e Tempo nos tentavam dizer.

Floriana encantou-se com aqueles reinos, encheu-se de alegria e de uma paz inexplicável.

- Maravilhoso! Maravilhoso! Todos os nossos reinos têm os seus encantos...- exclamou ela.

- Que se completam mesmo bem. – disse Nevadisca.

- Sim! Árvores com flores, com frutos, com folhas de mil tons, despidas... - continuou Magustina.

- Cheiro a flores, a maresia, a castanhas quentinhas, a musgo...- retorquiou Brisa-Mar.

Voaram, de mãos dadas, rindo muito de alegria e entusiasmo. Iam conversando sobre as suas descobertas:

- Devemos juntar os nossos reinos e formar um só. Assim teremos paisagens diferentes...

- Paladares diferentes...

- Cheiros diferentes...

- Sons diferentes...

- Texturas diferentes...

As quatro fadas decidiram juntar os quatro reinos. Cada uma reinaria durante um determinado tempo. Depois o reinado passaria a outra e assim sucessivamente. Como o mistério foi solucionado no Reino da Primavera, a Fada Floriana foi a primeira a reinar.

Os quatro reinos uniram-se e aquela estranha doença, a monotonia, foi combatida para sempre. Na Terra reinou a felicidade, a amizade e a partilha.

- Adoro ir mudando de roupa! – comentava uma árvore. – Agora posso vestir-me de flores, de frutos sumarentos, de folhas de cores fantásticas, de branco como as noivas...

Os quatro reinos, unidos num grande laço, tornaram-se num só.

Ah! É verdade! O Tempo ainda demorou algum tempo para curar a constipação. Mimos não lhe faltaram... Até penso que ele, a certa altura, tinha manha! Já estava bom mas queria ser o centro das atenções!

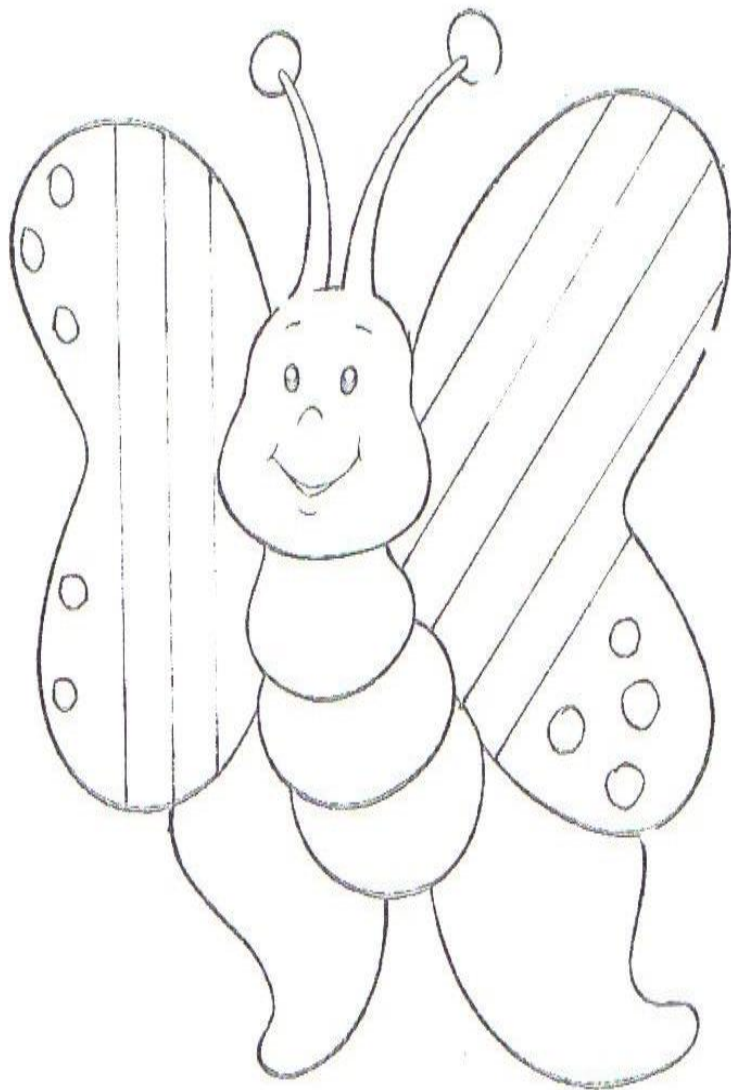
O Vento tornou-se num verdadeiro herói e foi nomeado Conselheiro Real.

Sabem, o Vento andou muito tempo a sentir-se responsável pela chegada da Monotonia. No fim de contas era através dele que os encantos de cada reino eram espalhados pelos outros reinos. Tenho mesmo a impressão que ele ficou um bocadito traumatizado, pois em noites de grande ventania, ainda o ouço dizer: “é preciso criar laços!” Estarei a sonhar?

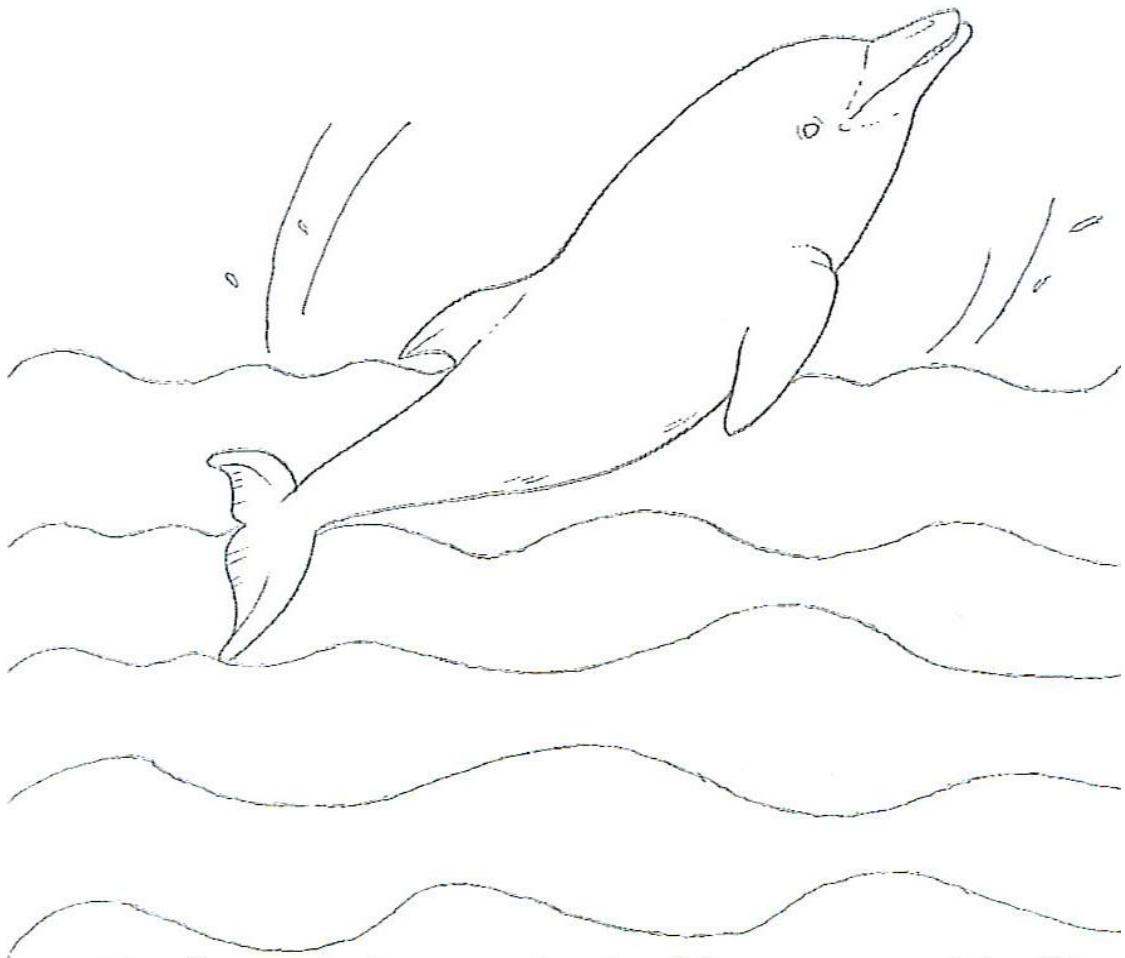
P.S. Espero que nunca adoeças com Monotonia. Aprecia e contenta-te com o que tens. Aproveita bem as quatro estações da Natureza e as quatro estações da vida (criança, jovem, adulto, idoso).

Anexo II

Preenche a Borboleta Azul com as características físicas da Fada Floriana.



Anexo III



Mergulha nas ondas do mar, completando as linhas com as características físicas da Fada Brisa – Mar!

Anexo IV



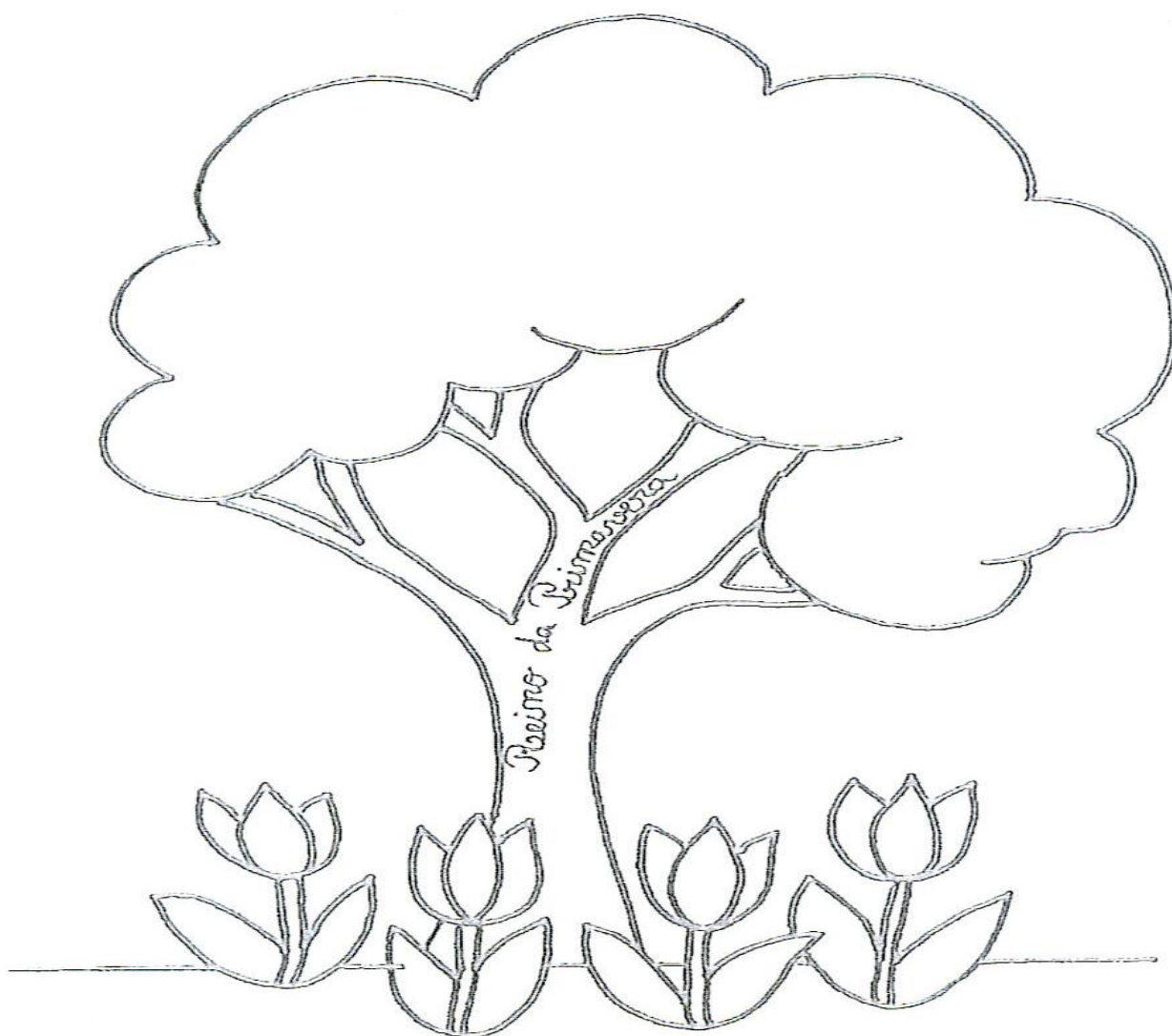
Preenche este esquilo maroto com as características físicas da Fada Magustina!

Anexo V



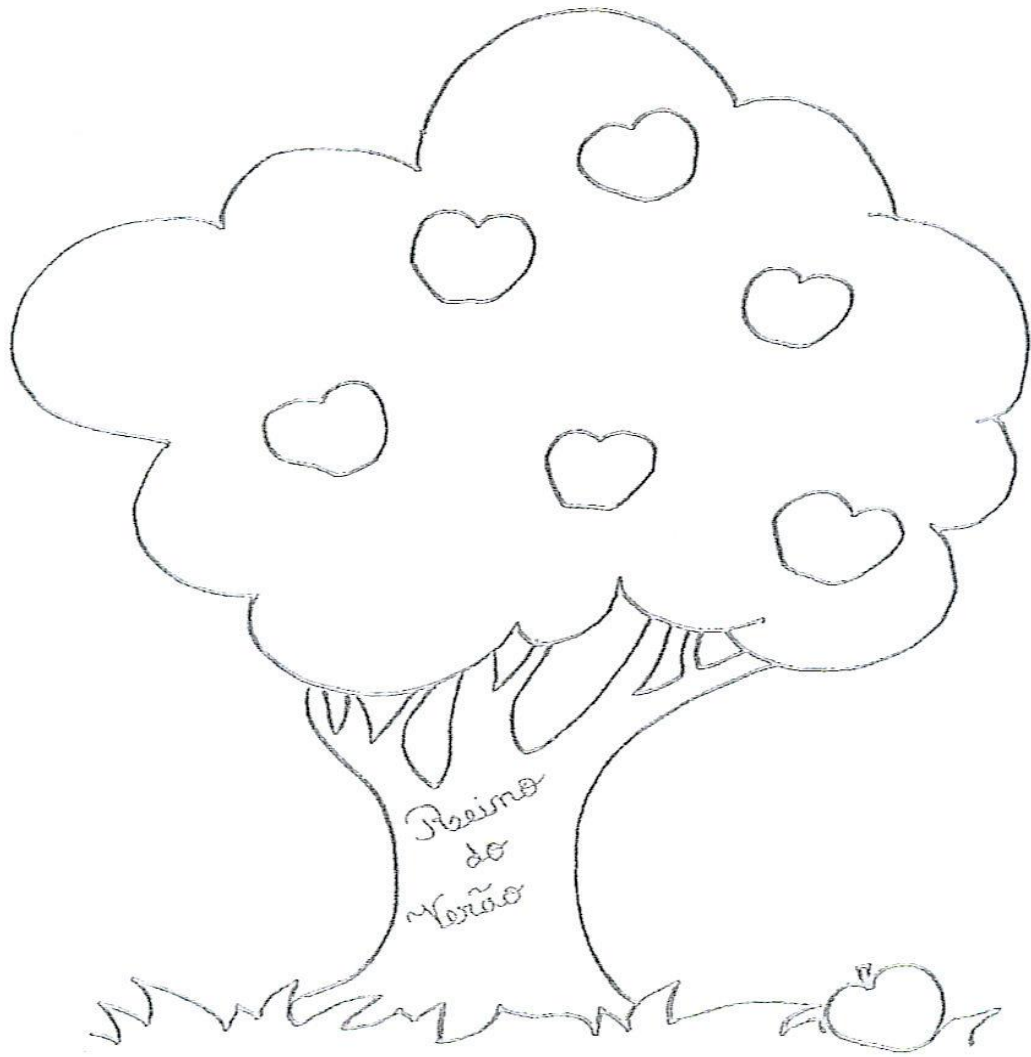
Coloca dentro deste fofinho urso polar as
características físicas da Fada Nevadisca!

Anexo VI



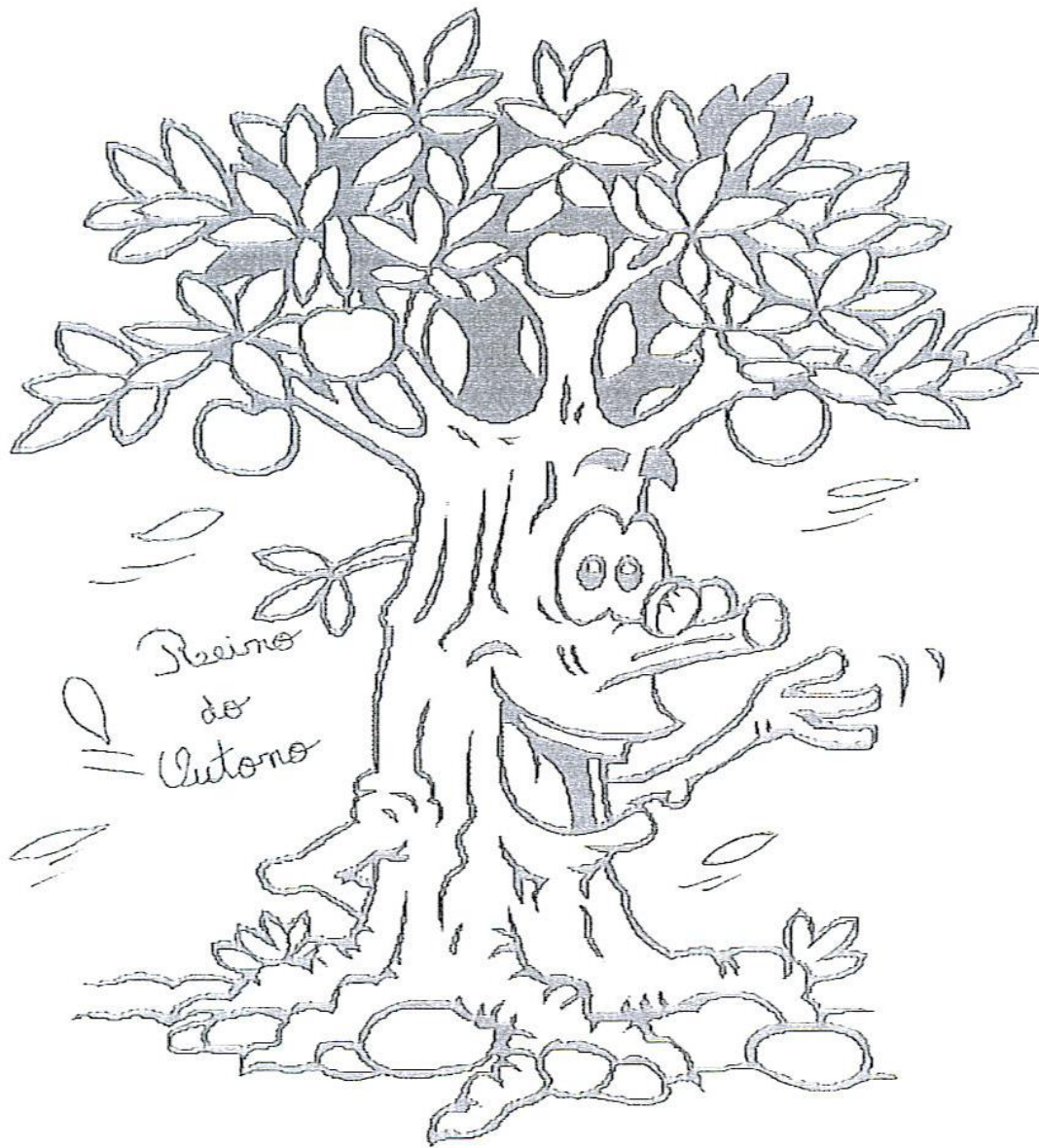
Retira do texto características próprias da Primavera:

Anexo VII



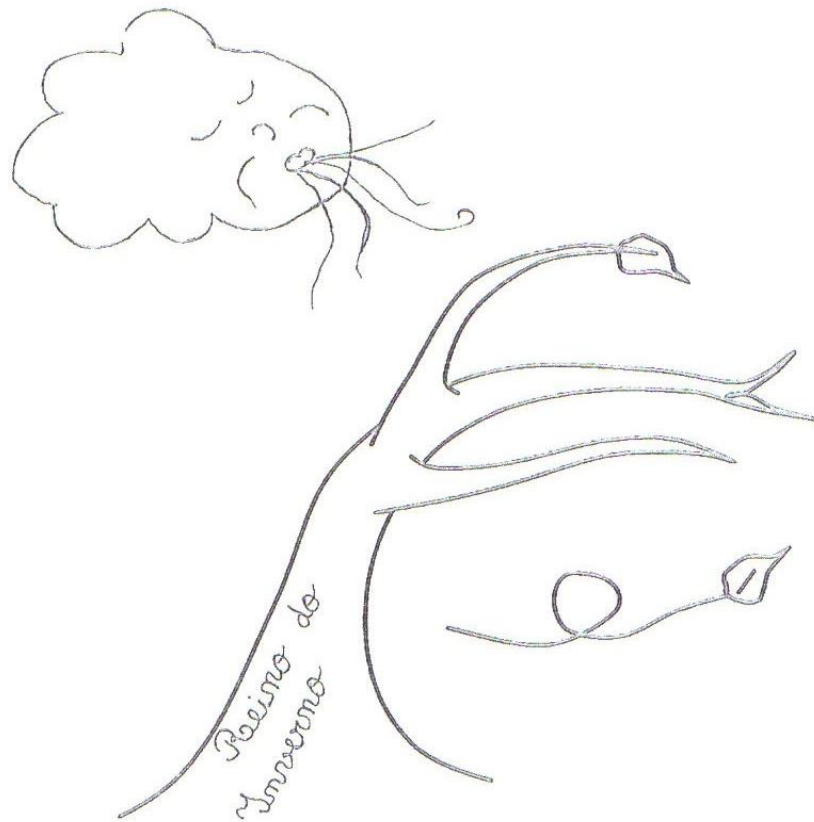
Retira do texto características próprias do Verão:

Anexo VIII



Retira do texto características próprias do Outono:

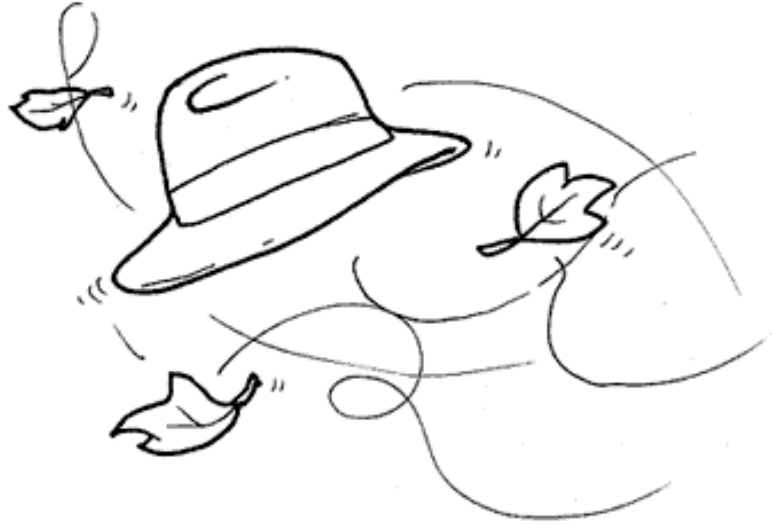
Anexo IX



Retira do texto características próprias do Inverno:

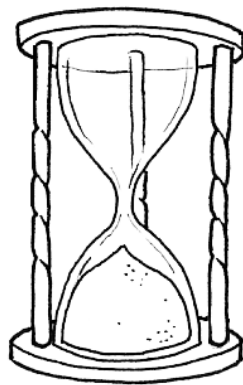
Anexo X

Faz a caracterização psicológica do Vento:

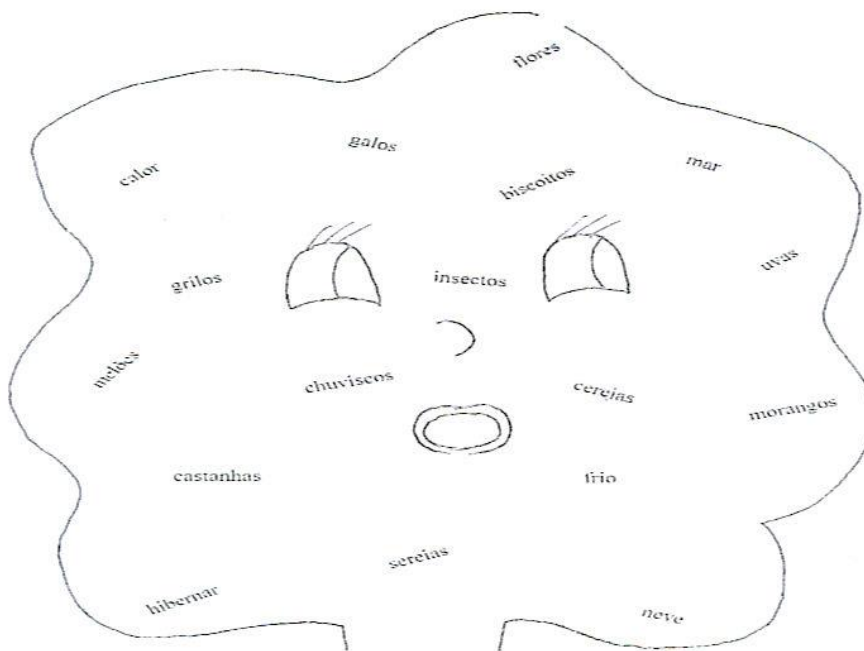


Anexo XI

Faz a caracterização psicológica do Tempo:



Anexo XII



Que grande desarrumação! Coloca as palavras que se encontram na copa da árvore debaixo dos respectivos reinos. Atenção aos intrusos!

Reino da Primavera:	Reino do Verão:	Reino do Outono:	Reino do Inverno

Liga as peças de roupa à estação do ano conveniente.



PRIMAVERA

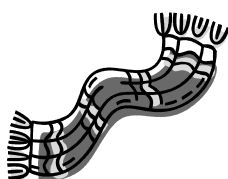
VERÃO



OUTONO



INVERNO



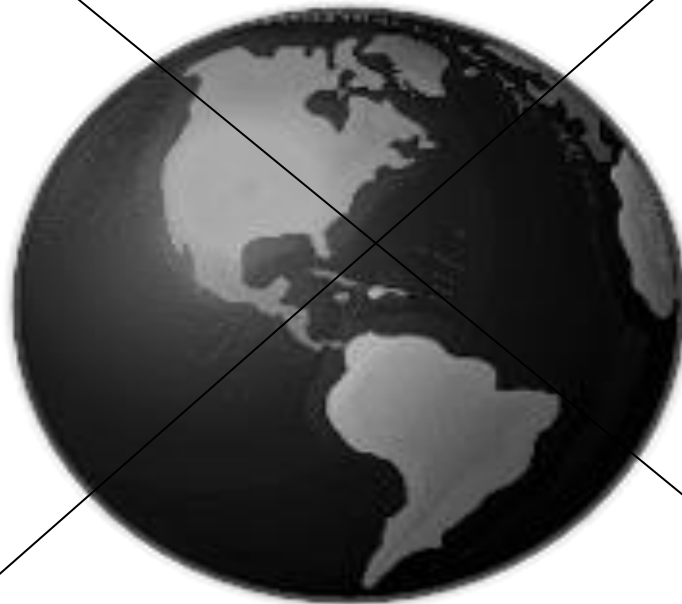
Anexo XIII

Retira do capítulo que acabaste de ler passatempos utilizados pelos habitantes do Reino da Primavera

Primavera

Verão

Outono



Inverno

Anexo XIV

C	E	R	E	J	A	S	O	D
U	V	E	R	M	E	L	H	A
T	I	O	P	L	E	C	F	G
R	E	Q	A	X	C	M	K	H
M	O	R	A	N	G	O	S	J
G	S	O	T	C	E	S	N	I

A Fada Floriana perdeu algumas palavras... Ajuda-a e pinta cada palavra encontrada de cor diferente. A Floriana agradece-te!

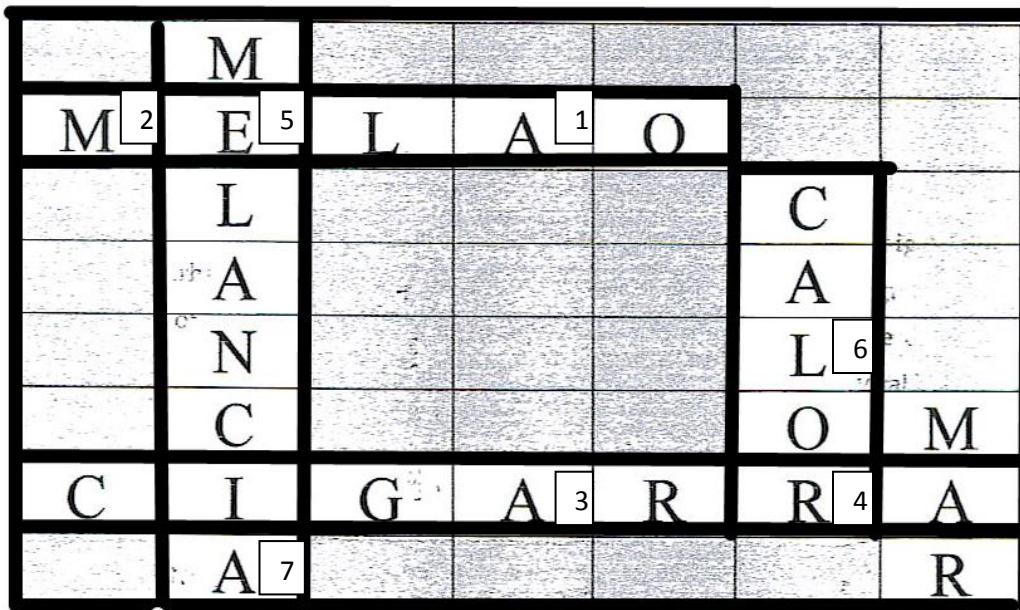
Anexo XV



Escorrega no meio das flores!

Anexo XVI

Anexo XVII



Estas palavras cruzadas são tão simples! Completa-as e, no final, coloca as letras numeradas por ordem e saberás qual a raça da fada Brisa – Mar.

- Fruto do limoeiro.
- Fruto que por dentro é vermelho e tem sementinhas pretas.
- Insecto que, segundo uma fábula bem conhecida, canta e dança, enquanto que a formiga trabalha.
- Antónimo de frio.
- Grande extensão de água salgada.

A raça da fada Brisa – Mar é _____

Anexo XVIII



Chegou o Outono! Os patos selvagens procuram países mais quentes ... Um perdeu-se do bando... Ajuda-o!

Anexo XIX

Adivinha Lá!...

Temos formas variadas

Que é mesmo um en**C**anto!

Quando somos arr**a**stadas

O solo parece um ma**n**to.

R: _____

Que cheirin**h**o agradável

Elas deitam ao estalar...

E que sa**b**or impecável

Quando as começo a saborear!

R: _____

Os cestos carregados estão

Deste fruto bem gostoso.

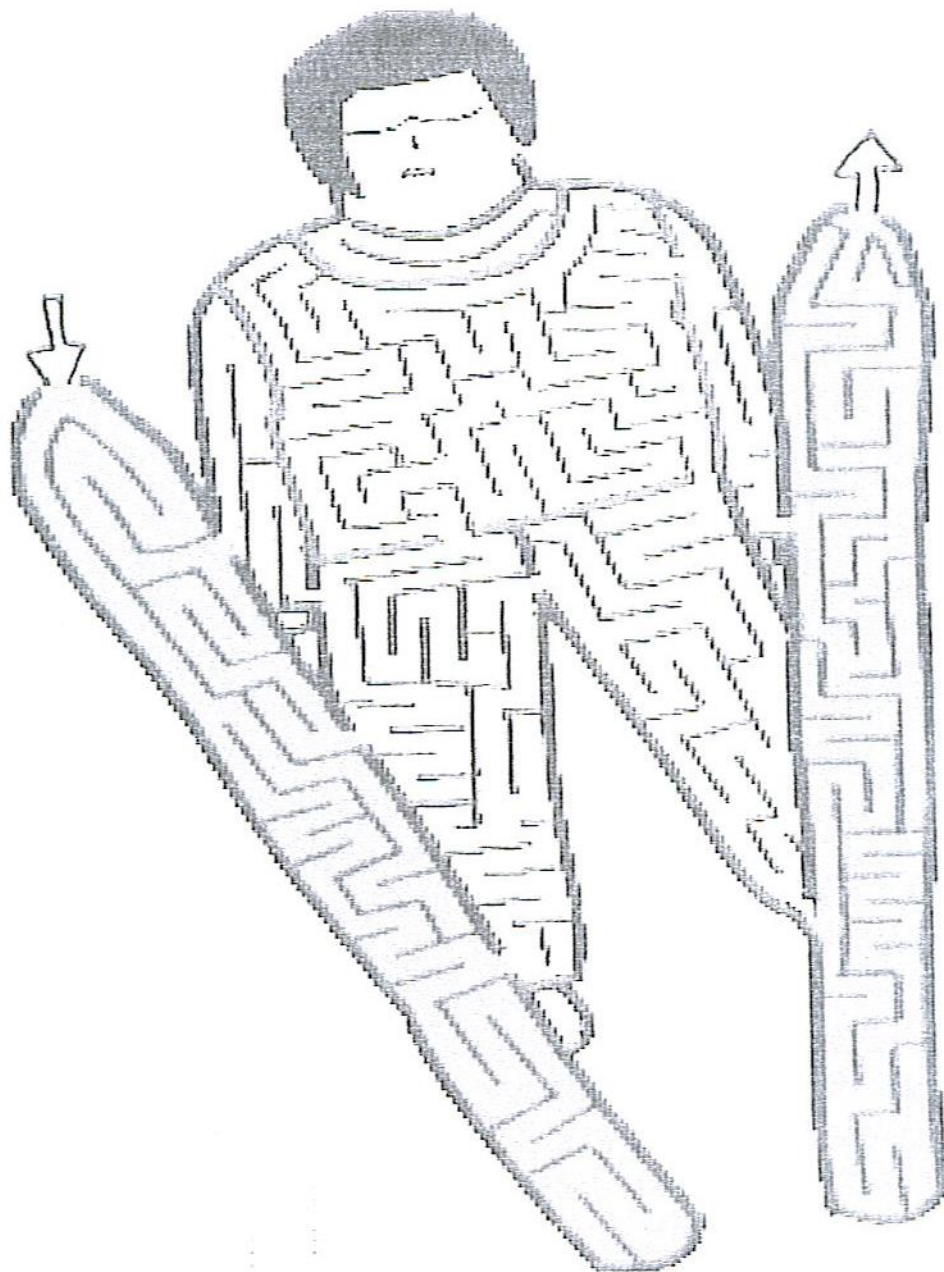
Com ele se faz o vinho

Desde o reles ao mais famoso.

R: _____

Com as letras destacadas contraste a raça da Fada Magustina: _____

Anexo XX



Como é bom deslizar pela neve!... Mas conseguir chegar ao fim deste labirinto não é nada fácil... Experimenta lá!

Anexo XXI

Anexo XXII

Memoriza este Trava Línguas. Depois prepara-te para um concurso: quem será o mais rápido e perfeito?



A NEVE

A neve cai,

Cai a neve.

Cai, cai a neve,

Neve, neve cai.

Dentro da toca

O coelho não sai,

Mas vejo a foca

Com o seu pai.

A neve cai

Cai a neve.

Cai, cai a neve,

Neve, neve cai.

Ai que frio faz,

Meu rico pai!

À rua só vai

Quem nunca cai!

A neve cai

Cai a neve.

Cai, cai a neve,

Neve, neve cai.

Anexo XXIII

Nome: _____

Data: _____



Estudo do Meio

1 – Explica como devemos proceder para prestar um primeiro socorro, no caso de:

Uma picadela de um insecto.



Uma hemorragia provocada por um golpe.

Uma hemorragia nasal.

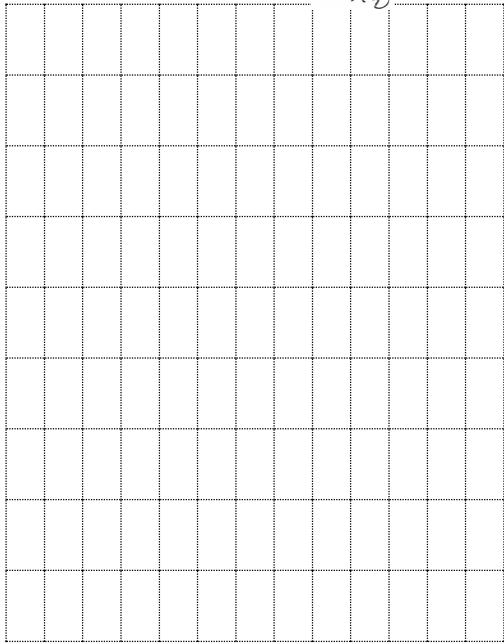
3 – Quando o vento sopra com muita intensidade, espalhando muita poeira que procedimentos deveremos ter?

4 – Se precisares de ajuda que número telefónico podes marcar?

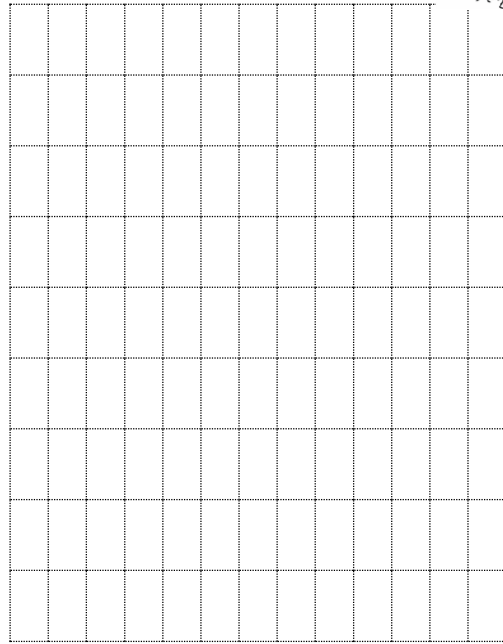


Anexo XXIV

$6823 \times 7 = \underline{\hspace{2cm}}$



$288774 : 6 = \underline{\hspace{2cm}}$

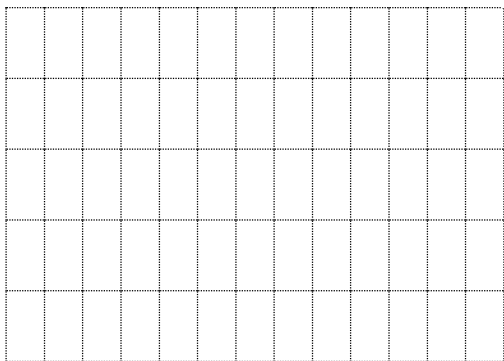


Leitura por classes:

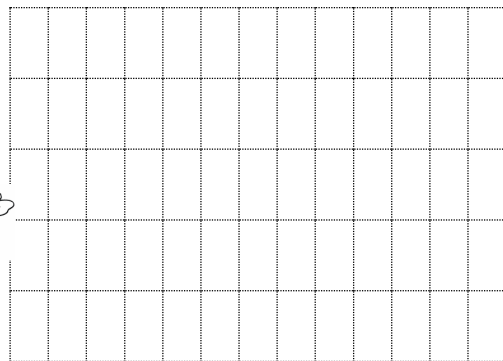
Leitura por ordens:

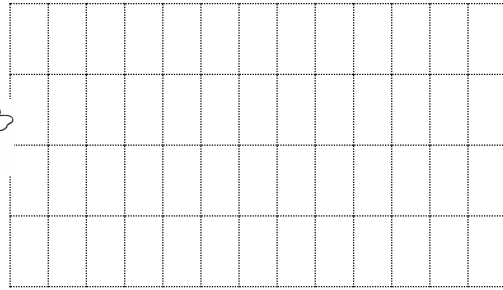
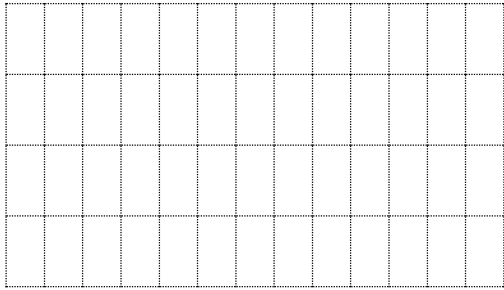


$35153 + 9876 + 353 = \underline{\hspace{2cm}}$



$36064 - 8564 = \underline{\hspace{2cm}}$





Leitura:



...ra por classes:



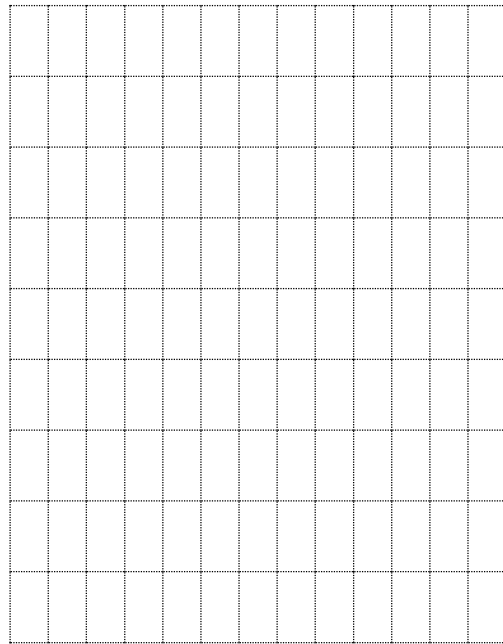
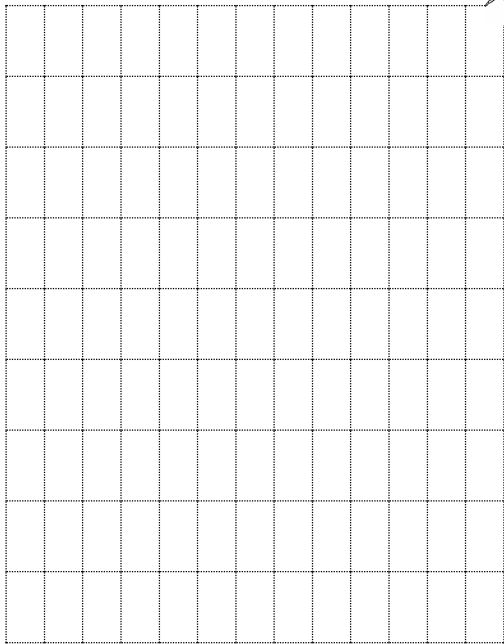




$9 \times 6 = \underline{\hspace{2cm}}$



$47765 : 5 = \underline{\hspace{2cm}}$



Leitura por ordens:



Leitura por classes:



- O Dote Alexandre tem um cordel com o comprimento de 1,2m, mas só precisa de 80 cm para o seu pião.
- Quantos centímetros vão ter de cortar?

R.: _____

3 – A Fada Estrelada comprou três bocados de tecido, para fazer um vestido: um com 3 m, outro com 12 dm e outro com 140 cm.

- Quantos **metros** de pano compraram?



R.: _____

Anexo XXV

Língua Portuguesa



Nome: _____ Ano: _____ Data: ____ / ____ / ____

* Adjectivos *

1 – Circundo os adjectivos:



O Vento é um amigo maroto!

A Primavera é bonita e alegre.

O Verão é preguiçoso....

O Outono apresenta cores magníficas!

O Inverno é velhote e grisalho...

2 – Escrevo à frente de cada adjetivo:

masculino ou feminino;

singular ou plural.

vermelhos _____

bravos _____

risonho _____

cómicas _____

amarela _____

3 – Ligo os adjetivos aos nomes:

Primavera **branco** e gélido

Verão verde e **fresca**

Outono fresco e **despido**

Inverno **quente** e brilhante

4 – Construo frases com os adjetivos destacados, de cima:

Anexo XXVI

Nome: _____

Data: _____



Avaliação do texto escrito

		Sim	Não
Apresentação	<i>O texto tem um aspecto agradável.</i>		
	<i>A letra é legível.</i>		
Tema	<i>As ideias estão de acordo com o tema.</i>		
Construção do texto	<i>O texto tem introdução, desenvolvimento e conclusão.</i>		
	<i>As frases estão constituídas de forma clara.</i>		
	<i>O que se conta está encadeado com lógica</i>		
	<i>Os diálogos foram correctamente introduzidos</i>		
	<i>Os verbos do diálogo estão bem utilizados.</i>		
	<i>A pontuação está correcta.</i>		
	<i>A ortografia foi verificada.</i>		
	<i>As ideias expressas interessam a todos.</i>		
Impressão geral	<i>Lê-se com agrado.</i>		
	<i>O texto é original.</i>		
Aspectos a melhorar	_____ _____		